

UNIFICAÇÃO

ÓRGÃO DA
UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE S. PAULO - USE
N.º 19 — SÃO PAULO - OUTUBRO DE 1954 — ANO II

O Trabalho de Unificação

O trabalho de unificação é o fator maior de eficiência em todas as cousas. Não há nenhum mister, por demasiadamente simples que seja, que possa, sem gravame de desperdício de forças, dispensar a colaboração. Poderá vir esta em maior ou menor escala, pouco importa. Mas o certo é que é necessária e a sua ausência, neste ou naquele setor humano, se fará sentir de maneira mais ou menos clara.

Assim é na Política, assim é nas Artes, assim é na Religião, na Ciência e em tudo o mais.

O aforismo de que a união faz a força nunca se desmentiu. Os Confrades encontrarão, cada um em particular, muitos casos, quer pessoais ou coletivos, em que a cooperação é o roteiro certo para a colimação de desideratos, existentes nos escañinhos da mais desprezível ação.

Em Espiritismo, talvez, ainda mais pela responsabilidade que nos está afeta pela nossa condição de servidores do que pela nossa qualidade de meros crentes, a cooperação organizada é perpetuação de ideal, sem o qual nada se fará de útil nem se conseguirá de permanentemente bom.

A Doutrina é complexa, traz no seu bojo os mais sérios problemas da Vida, reveste-se das mais estranhas facetas relativamente às soluções do passado, do presente e do futuro. Estudá-la só, compreendê-la só, assimilá-la só — não é o suficiente. Cada um por si poderá estudá-la, compreendê-la, assimilá-la. Fará muito, mas não fará tudo, porque estará sujeito a desvios ou a interpretações desconexas, o que se evitará, pelo menos em parte, quando a Doutrina consegue sotoportar na sua bandeira crentes que conungam pelo mesmo acorde e que, cónscios da realidade da cooperação, se instruem reciprocamente e juntos laboram, arrancando as ervas daninhas, aplaudindo os sulcos impenitentes e jogando na terra dádiosa da união fraternal as sementes da compreensão e da solidariedade.

Não foi em vão que Allan Kardec, no tríplice que aponta ao caminhar um dos princípios por que o Espiritismo se rege ("Trabalho, Solidariedade, Tolerância") colocou a SOLIDARIEDADE, que nada mais é do que a compreensão mútua, o perdão recíproco, a cooperação entre si, a argimentação de idéias e ideais, corações e espíritos.

A UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS tem pautado a sua direção no mais irrestrito ensinamento de compreensão e paz, trabalho e amor, orientação e discernimento. Não tem medido esforços para incutir no coração daquele que, permanecendo em Jesus, não tem forças suficientes para seguir-LHE as pegadas; daquele que, embora galgando a montanha da decisão, não identifica ainda as naturais fraquezas; daquele que, não obstante aceitar os ditames da Doutrina, não consegue sentir-lhe nem viver-lhe as purificadoras lições.

Tudo tem feito e apraz-nos confessar que algo tem conseguido. Nunca estimou o descanso, senão para recuperação de forças, com as quais tem procurado estimular os receosos, soerguer os indecisos e cantar hosanas com os vitoriosos.

Ciente, com Emanuel, que o mas é conjugação que, nos meandros da vida, nos define o caráter e nos denuncia o rumo a seguir, temos procurado pôr em evidência a nossa indissolúvel responsabilidade perante a Doutrina. Nem é possível que fosse de outra maneira. Temos procurado levar a cada coração, tanto nos mais próximos como nos mais distantes rincões do Estado, a nossa palavra de ordem, não permitindo que um insignificante mas possa pôr arbitrariamente à prova a nossa profissão de fé ou a confissão da nossa ineficiência doutrinária.

Temos, na exiguidade de tempo e na pouquidade das nossas forças, procurado

cuidar, conforme recomendava Allan Kardec, da nossa Doutrina, propagando-a eficaz e inteligentemente; não temos recuado ante a necessidade de preservarmos a integridade imaculada dos nossos princípios espiritísticos; nem tampouco temos descuidado dos mil e um problemas de cunho doutrinário, que a todo o instante estão a exigir de nós o melhor dos nossos cuidados.

Conhecemos o ânimo valoroso dos nossos Confrades, bem como os pontos fracos em que uns e outros costumamos claudicar. Entendemos-nos doutrinariamente bem e como o trabalho da USE é trabalho de equipe e não pessoal, a não ser no cômputo de suas ponderações e decisões, sentimos-nos à vontade e de certo modo com inteireza de ação para aconselhar, reprimir e orientar.

Allan Kardec, com o seu costumeiro bom senso, escrevia que a "causa mais geral de divisão entre os co-interessados é a colisão de interesse e a possibilidade de um suplantar a outro em seu proveito". Mas, acrescentava ele, essa causa nenhuma razão tinha de ser desde o instante em que o prejuízo de um não pudesse aproveitar a outros, quando todos fossem solidários entre si, porque só poderiam perder e não ganhar com a desunião.

A USE, à vista de quanto ficou exposto, mais uma vez conclama os Confrades à lição diária e de sempre: um por todos e todos por um. O nosso Codificador ensinou também que o maior empecilho para a propagação da Doutrina é exatamente a falta de unidade. Falta de unidade espírita significa falta de coesão nos princípios doutrinários, mas pode significar também falta de ligação e união entre os Confrades.

Pois sejamos unidos e coesos, para que a Doutrina não se esfalece ante a tempestade que escurece os céus do mundo e parece estar prestes a desabar sobre as nossas cabeças alquando descuidosas.

KARDEC NÃO PASSARÁ

LUIZ MONTEIRO DE BARROS

Parece ser indiscutível que, socialmente falando, estamos passando pela fase da "libertação das massas humanas". O povo, no seu anonimato, está adquirindo sua personalidade própria. O desprezo, as lutas e as dores dos séculos passados estão fazendo sentir seu efeito no momento que passa. Tudo isso é natural, profundamente natural, pois faz parte integrante do princípio da evolução espiritual a que os homens estão submetidos por força da Lei Divina.

Essa fase indica o início do amadurecimento da razão humana, fonte segura de sua libertação espiritual. E' pela razão que o homem opina sobre todas as questões submetidas ao seu livre arbítrio. Quanto mais esclarecida a razão, maior a liberdade concedida ao livre arbítrio de cada homem, pois a responsabilidade decorrente do uso do livre arbítrio é sempre proporcional ao grau de esclarecimento alcançado pelo Espírito dentro do assunto sobre que é chamado a opinar.

A razão é, pelo menos no momento atual, o crivo por que têm de passar todos os problemas com que se defrontam os homens em suas lutas quotidianas.

Cansado de sofrer, de esperar inutilmente e de ser ludibriado, o homem do século XX, vai tentar resolver todos os seus inquietantes problemas, cuja solução aguardou por tantos séculos lhe viesse dos que o dirigiam. Tendo-lhes a lei humana concedido uma grande dose de liberdade de ação, vão agora as massas humanas tentar resolver por suas próprias mãos ou por seu próprios esforços os angustiantes problemas cuja solução as vem angustando e inquietando há tantos séculos.

Dentre esses problemas a serem resolvidos, um há que me parece o maior, o mais importante e o de solução mais útil para toda a humanidade: E' o eterno problema do ser, do destino e da dor. E' o problema religioso.

Desde que apareceu na Terra o homem, com ele apareceu o problema religioso. Filho que é de Deus, sempre teve o homem a idéia, ainda que subconsciente, da existência do Criador, e com ela, a noção da existência, da sobrevivência, da imortalidade do seu próprio espírito. As idéias religiosas foram a primeira companheira que o Criador, na Sua Infinita misericórdia, ofereceu à criatura. A adoração ao

Criador e a comunicação com os desencarnados nunca abandonaram os homens encarnados na crosta do nosso planeta.

E nem podia deixar de assim ser, pois nenhum problema existiu, existe e existirá mais importante do que esse que se relaciona com a paternidade de Deus e com a ligação entre o Criador e as Suas criaturas.

O problema religioso está na pauta e tem de ser resolvido, porque ele é a chave que abre a solução para todos os demais problemas humanos, direta ou indiretamente falando.

Grande risco correm, portanto, no momento, e cada vez mais daqui para diante, as religiões que não estiverem alicerçadas em fatos naturais, em conhecimentos positivos, em filosofia com solidez lógica de granito, em base científica capaz de resistir aos argumentos da mais acendrada razão e a todos os descobrimentos atuais e futuros das ciências humanas.

Nesse momento solene, o Espiritismo permanece sereno e soberano, enfrentando tudo e enfrentando todos, oferecendo-se espontânea e insistentemente às mais rigorosas análises científicas ou filosóficas, insistindo mesmo para que não seja aceito senão depois de criteriosamente estudado e livremente aceito, consciente de sua força de persuasão racional por satisfazer aos anseios de conhecimentos espiritualistas da inteligência e do sentimento ao mesmo tempo.

Como se vê, o Espiritismo surgiu, como Doutrina codificada, no tempo exatamente oportuno. Ele veio de encontro aos anseios da humanidade, que já está preparada para compreendê-lo pelo estudo, e que se prepara para senti-lo e realizá-lo no seu esplendor divino.

Não foi também por obra do acaso que tivemos no insigne e inigualável Codificador um discípulo emérito de Pestalozzi, um pedagogo, um didata na sua mais alta conceituação.

Todos os homens encarnados no planeta Terra terão que tomar conhecimento da Doutrina revelada pelos Espíritos prepostos do Divino Mentor do orbe terráqueo, e por isso mesmo essa Doutrina deveria ser codificada pelas mãos sábias e hábeis de quem se fizesse entendido por todos, pois todos precisam se redimir nessa fase derradeira de uma importante etapa evolutiva, e a Doutrina que Jesus nos envia é o mesmo Evangelho de redenção espiritual, agora sem alegorias e sem parábolas, meridianamente esclarecido e perfeitamente completado.

Com tal perfeição e com tanta sintonia agiram os Espíritos e Kardec, com tanta precisão e com tanta clareza abordaram os assuntos capitais do problema filosófico-religioso, que se pode garantir se tornarão "O Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns" e "O Evangelho segundo o Espiritismo" os três pilares sobre que se edificará o templo majestoso dos conhecimentos e das realizações religiosas da humanidade do futuro.

Satisfazendo ao mesmo tempo a cultos e a incultos, bem como fundindo em si o que de melhor, de mais profundo e de mais puro tem todas as religiões da Terra, essas três obras da codificação kardeciana se imporão a todas as criaturas, levando-as, pela comunhão na mesma fé, à realização dos mais alevantados ideais de fraternidade e de cooperação recíproca na realização do reino de Deus dentro de cada um, e na implantação do reinado do Cristo no nosso planeta.

Tudo o que se tem escrito sobre Espiritismo, por mais positivo, grandioso e útil que seja, poderá passar; esses três livros da codificação não passarão jamais. Eles imortalizarão, na Terra, a Doutrina de Jesus agora revivida e completada pelo Consolador, através de Kardec.

Chegou o momento de a humanidade saciar, no estudo do Espiritismo, a sua rede de conhecimentos positivos acerca das grandes e imortais verdades dos majestuosos problemas da Religião.

Para nós Kardec representa a Doutrina do Consolador, como esse Consolador representa a de Jesus, como, por sua vez, o Divino Mestre representa, na Terra, a vontade do Criador. Por isso podemos afirmar que Kardec não passará.

Suicidas

Não condene as vítimas da loucura e do sofrimento que se retiram do mundo pelas portas do suicídio.

Ninguém lhes viu talvez a luta insana...

E não sabes até que ponto sorveram o veneno da angústia na taça de fel!

Faz silêncio, diante dos que caíram no paroxismo da desesperação e da dor.

Na batalha do mundo, quantos despem o manto da carne, roídos no âmago da alma pelas chagas de aflições desilusões!... Quantos procuram fugir ao nevocero do vale, arrojando-se às trevas do despenhadeiro cruel!...

E, pedindo a paz do Senhor para os que descem à sombra da rendição antes o triunfo, ora também pelos que armam as garras da treva contra si próprios no pelourinho da maldade e da calúnia, pelos que perturbam o alheio caminho, aniquilando a própria existência, pelos que rendem culto à perversidade consumindo-se, na ilusão de que destroem o próximo, pelos que se afogam no charco da viciação, pelos que se entregam à inércia e pelos que perseguem e chicoteiam os semelhantes, cavando para si mesmos o túmulo de lódo em que hão de perecer!...

Saibamos utilizar dificuldades na sublimação de nosso futuro.

A Terra é um santuário de regeneração e de esperança para quantos lhe abraçam as lições com ânimo forte, conscientes da misericórdia em que se fundamenta a Divina Justiça.

Dores, aflições, provas e desencantos representam o material educativo do templo em que nos asilamos, à procura de fortaleza moral e de créditos imprescindíveis ao continuísmo de nossa viagem para Deus.

Não te confies ao cansaço ou ao desalento, na solução dos problemas que te afligem a marcha.

Renova-te na fé viva e no trabalho constante, inspirando-te na excelssitude do sol que te acompanha, cada manhã, prometendo-te, cada noite, o esplendor de um outro dia, que raiará sempre mais belo.

Caminha para diante, regosija-te com o sofrimento que te ajusta as contas e abençoa os obstáculos que te fazem mais experiente e mais nobre!...

E, unido à tarefa que o Senhor te confiou, qualquer que ela seja, aprendendo e servindo, amando e lutando na construção do Bem Infinito, encontrarás mesmo na Terra o manancial da Vida Abundante que te alimentará o coração na conquista da Vida Impercível.

EMMANUEL

(Mensagem recebida por Francisco Cândido Xavier).

Bacon e Kardec, reformadores

Após o brilho fulgurante das doutrinas dos filósofos gregos, o mundo viveu uma fase de estagnação, durante a Idade Média. Com a patristica e os concílios, as teorias de Aristóteles são adaptadas à escolástica, sob aspecto cristão. Começa a imperar o revelacionismo e o divino das explicações. Descamba-se para as teorias preestabelecidas, sem apoio nos fatos.

A indução e o método experimental são desconhecidos. Uma teoria derivam de outras; estas, de revelações divinas ou de sonhos admitidas sem discussão. É a Idade Média, com a sufocação do pensamento. Estagnação social; atraso científico; sonhos em filosofia; dogmatismo na religião.

Surge, então, o grande pensador Francis Bacon, nascido em 1561. Lança as bases do método experimental; reforma as concepções filosóficas e abre amplamente as portas do raciocínio à investigação imparcial. Arranca a filosofia das altitudes sonhadoras de suas fantasias e a traz à terra, convidando-a ao exame dos fatos e das causas. Arranca-a do mundo dos sonhos e desperta-a para a realidade.

Bacon é considerado um grande materialista. Entretanto, seu trabalho foi utilíssimo, preparando o terreno filosófico para o advento do Espiritismo. Embora isto pareça um paradoxo, o Espiritismo muito deve a esse pensador. Bacon introduziu na filosofia os métodos experimental e indutivo, os quais Kardec viria mais tarde a aplicar à religião.

Foi Bacon quem rompeu com a rotina filosófica, clamando pela necessidade de um exame atento dos fatos. Foi ele quem introduziu na filosofia a análise metódica dos fenômenos naturais. Pôs de lado a grande preocupação dos escolásticos de usar lógica e mais lógica, já que ela havia sido transformada em processo de defender idéias apriorísticas, quando sua verdadeira finalidade é a pesquisa da verdade. Apaixonado analista do mundo e das cousas, entusiasta sem igual do reinado do intelecto, clamava para um mundo ainda ignorante:

"Existirá felicidade igual à do espírito humano do que quando se eleva sobre a confusão das coisas, podendo assim não só discernir a ordem da natureza como também os erros dos homens? De lá não avistaremos por igual as riquezas e o encanto da natureza? E a verdade estéril? Não poderemos, utilizando-a, produzir efeitos dignos dela e assim dotar de infinito conforto a vida humana?"

Vemos aí que ele não quer uma vida de contemplação, de êxtase místico. Por isso foi considerado irreligioso. Mas sua finalidade é nobre. Quer ação. Quer o conhecimento que redunde em benefício do nosso semelhante. Diz ele:

"Para termos realizações, é mister conhecimento. Não poderemos dar ordens à natureza senão quando lhe obedecemos. Conheçamos as leis da natureza, que seremos seus senhores, do mesmo modo que agora, em nossa ignorância, somos seus escravos". Parece que Bacon adivinhava, ao assim se expressar, as maravilhosas descobertas que se iam seguir.

Após o descobrimento do Novo Mundo, todos os povos se movimentam à busca do desconhecido. Atravessando-se aos mares, sorriam eldoradoz fabulosos. Seguindo em pós dessas miragens, no afã enganoso de encontrar montanhas de ouro, vão os aventureiros semeando a civilização nos rincões ainda não despertados para o mundo.

O papel, a bússola e a imprensa haviam assestado o globo. Porém, nessa época de intenso progresso, a intolerância religiosa aumentaria. Onze anos antes de nascer Francis Bacon, era criada a Companhia de Jesus, com o célebre Tribunal da Inquisição. Em nome de Jesus, cometiam-se as mais bárbaras ações.

Não admira, portanto, a falta de entusiasmo desse homem pelas questões de religião. Se a finalidade da religião é granjear o maior número possível de adeptos, impondo a doutrina a ferro e a fogo, proibindo o livre exame, então é melhor não ter religião. Bacon se rebelou, pois, contra os processos doutrinários de seu tempo. Verberou. Disso lhe advém grande animosidade.

Apesar de todo o seu aparente materialismo, atrai à face de seus opositores estas palavras de profundo espiritualismo:

"Um pouco de filosofia inclina o espírito ao ateísmo, porém maior profundidade o reconduz à religião. Porque quem olha desatadamente as causas segundas, pode algumas vezes não passar delas. Mas quem lhes contempla o encadeamento, remonta até a Providência e a Divindade".

Will Durant, transcrevendo idéias de Bacon sobre a introdução do método científico na religião, escreve: "Nada fica fora da ciência ou acima dela. Sonhos, premonições, comunicações telepáticas, os fenômenos psíquicos em geral, devem ser submetidos ao exame científico". "Quem saberá que verdades insuspeitadas e que nova ciência poderão surgir dessas pesquisas, assim como da alquimia desabrochou a química?". Não está aí, perguntamos nós, a previsão do aparecimento da Metapsíquica e do Espiritismo experimental?

Com a introdução do processo experimental, Bacon remodelou amplamente ciência e filosofia. Depois dele, pensadores eminentes, seguindo-lhe os passos, ergueram um monumento de intelectualidade.

A religião, porém, continuava a ser uma

ARY LEX

questão exclusivamente de fé. Cuidava menos da melhoria do indivíduo do que de formar um grupo coeso e forte, um verdadeiro partido de grande força política. Não interessava tanto às doutrinas desenvolver nos seres o senso da responsabilidade e despertar o interesse pelo estudo, quanto obter uma inútil unidade de opiniões, de modo a se arremetarem todos sob a autoridade espiritual de um grande senhor. Para que esse fim fosse colimado, era mister revestir todos os ensinamentos de um cunho divino e sagrado, sendo vedado aos crentes discutirem tais postulados.

Durante séculos, dominou ainda na religião a aceitação passiva do que era dito pelos mais graduados. Os homens constituíam uma grande massa, pensando pelos cérebros de uns poucos.

Veio Kardec.

Esse grande filósofo e educador foi para a religião o que Bacon foi para a filosofia.

As Sondagens do Mediunismo

SÉRGIO VALE

Myers reconhece nos médiuns, ao invés da miséria psíquica do histerismo ou da desagregação de Pierre Janet, acompanhada de anestésias, anomalias mnésicas, neuropatias — "uma extraordinária riqueza psicológica".

Foumoy, professor de psicologia da Universidade de Genebra, emite o seguinte juízo, tanto mais valioso quanto isento de qualquer sectarismo: "É interessante que nos países em que os estudos deste gênero têm sido levados mais longe, na América e na Inglaterra, a opinião que predomina entre os sábios que mais têm profundado o assunto não é, de modo nenhum, desfavorável ao mediunismo; e que longe de considerarem este último como um caso especial de histeria, vêem nele uma faculdade superior, vantajosa, são, de que a histeria é manifestação de degenerescência, uma paródia patológica, uma caricatura mórbida". Excetua-se o mediunismo do número das ficções de Vaihinger — probatórias, esclarecedoras ou demonstrativas — porque vive, conforme o testemunho de sábios materialistas, dentro da mais pura experiência. Protege-o um experimentalismo científico do melhor quilate. Não é meio auxiliar, não é suposição, não é hipótese com que se apure a substância ou o conteúdo de qualquer problema, à maneira dos pontos, das retas, do espaço de quatro dimensões da matemática, da ficção do demônio na teologia, da ficção do homem primitivo puro de Rousseau, etc. Se até mesmo um ponto de partida falso, na filosofia de Vaihinger, pode chegar a um resultado verdadeiro, como tem acontecido muitas vezes na história da ciência, a fenomenologia mediúnica, no seu polimorfismo e no seu conjunto, estabeleceu, através da experimentação mais rigorosa, mais probante e mais insuspeita — com a solidez e a brutalidade necessárias para a conquista do empirio-criticismo — a evidência, a objetividade, a realidade do espírito humano no animismo e no Espiritismo.

Geley e Stephen Chauvet, através do Instituto Metapsíquico Internacional, desafiaram o prestidigitador Dickson e lhe ofereceram 10.000 francos para reproduzir as proezas de um médium, nas condições em que este as realizasse; o prestidigitador John Nevil Maskeline entregou 1.000 libras ao arquidiácono Colley e ao médium Monck, em consequência de um desafio de que saiu derrotado; Denis Bradley e o médium Valantine puseram Clive em retirada, com as condições; o prestidigitador forrado de metapsíquica — Harry Price — ofereceu 1.000 libras aos seus colegas do Clube dos Mágicos, de Londres, para simularem os trabalhos mediúnicos de Schneider; o Dr. George Sexton reptou o truquista Maskeline a que imitasse os fenômenos espíritos e começou a revelar ao respeitável público os processos da magia e do ilusionismo, desmoralizando e desarmando os profissionais das batotas, que pediram misericórdia.

Certa vez, um prestidigitador dos mais notáveis — Robert Houdin — foi visitar o médium Alexis Didier. Concordearam numa experiência muito simples. O mágico descintou um baralho novo do qual sacava cartas, sem as ver; o médium Didier lhes dava o nome, antes de as ver. Já era maravilhoso... Mas a maravilha duplicou-se: o mágico continuou a emitir cartas de seu baralho oculto; o médium, de outro baralho também oculto, respigava cartas semelhamtíssimas. Qual foi o veredicto final de Houdin? "Se houvesse no mundo inteiro um escamoteador capaz de operar semelhantes maravilhas, esse o confundiria mil vezes mais, como escamoteador, que o agente misterioso que lhe acabavam de mostrar ("il me confondrait mille fois plus, comme escamoteur, que l'agent mysterieux que vous venez de me montrer").

Walter Wynn (pastor protestante ventríloquo), Prince, Hamilton, William Jeffrey, Harry Kellar, Rykba, Carrington, Dizieu,

Deixou de lado as idéias fantasistas e sem base, para ir buscar no espírito do observação científica as concepções religiosas. Deixou de lado deduções baseadas em idéias apriorísticas, para fundar a doutrina alicerçada na observação dos fatos. Não desprezou, contudo, a revelação, embora a submetesse a criteriosa análise.

Teve ele o mérito de chamar a atenção da filosofia para toda essa gama de fenômenos, até então pertencentes às crenças e superstições. Revestiam-se eles do aspecto miraculoso e sobrenatural, tendo sido sempre desvirtuados pelo temor dos homens e pela ganância de charlatães. Allan Kardec provou que seu estudo metódico é indispensável. Conseguiu, numa síntese admirável, uni-los e encadeá-los e, em seguida, formular sobre eles conceitos gerais. Estudando os fenômenos, penetrou em todos os campos, inquirindo e analisando. Confrontou as várias opiniões emitidas pelos Espíritos que se comunicavam, verificando a concordância entre as mesmas. Coordenou os ensinamentos dos Espíritos e lançou ao mundo atônito essa formidável organização que é a sua obra".

Canti, Carlton, Baggaly, prestidigitadores, ilusionistas ou mágicos, atestam que:

- 1) a mediunidade e a prestidigitação (*legerdemain*) são duas coisas distintas;
- 2) se a prestidigitação explicasse os fatos, o segredo já seria do domínio público;
- 3) nunca viram fenômenos psíquicos fraudulentos.

Quando a prestidigitação e a mediunidade coabitam o mesmo indivíduo, como aconteceu a Stuart Camberland, segundo Harry Price, e a Houdini, segundo Conan Doyle, apagam-se os limites entre os dois territórios, e somente a confissão espontânea ou o rigor absoluto das condições impostas pelos experimentadores idôneos as poderiam discriminar.

O mundo sensível somente se muda em realidade através dos nossos sentidos precários e do nosso cérebro. A cada janela que se fechasse, desapareceria para sempre uma determinada série de fatos. A cada sentido superveniente, que se inaugurasse, nova ordem de fenômenos surgiria.

A existência do mundo físico quem no-la revela é a nossa alma, que não depende do tamanho, nem da forma do corpo.

Nós, o conjunto dos "eus", é que somos reais: tudo o mais são aparências. O nosso ser biológico é um instrumento registrador que varia com a constituição de cada planeta; poderemos concebê-lo reduzido às proporções mínimas de um homúnculo de 10 centímetros, sem prejuízo da nossa investigação, da nossa curiosidade e da nossa evolução. Que se dê a qualquer animal, de qualquer modelo físico, de qualquer estatura, de qualquer escala zoológica, um cérebro semelhante ao nosso e teremos estabelecido aquilo que o espírito solar de Goethe chama "a relação da natureza com Deus".

Os materialistas, contraditoriamente, aceitam a realidade aparente das coisas, mas impugnam a aparência real de si mesmos, isto é, dos instrumentos psíquicos sem os quais as vibrações conhecidas e as desconhecidas não são e não seriam captadas e sentidas.

Adverte-nos a paleobiologia que o homem atual, investido já de idéias morais e espirituais, é, não obstante, um ser em evolução acelerada para formas mais perfeitas.

Se a eclosão da vida sobre a terra se deu há 10 milhões de séculos, e se se admite que somente de hoje a um milhão de milhões de séculos as condições físicas do nosso globo se tornarão incompatíveis com ela, que fará o sucessor do pré-histórico Cro-Magnon, durante todas as centúrias do futuro? Que fenômenos inimagináveis, que fatos imprevisíveis não descobrirá o *sapiens*, no mundo da matéria e dentro de si mesmo?

Se pudéssemos, ainda que fôra necessário usar um pouco de violência, meteríamos no intelecto humano duas idéias que o iluminariam prodigiosamente: a de que não é necessário esperar a aproximação inevitável da morte para que nos convençamos da nossa transitoriedade, e a de que o nosso planeta gira com a velocidade de 1.800 quilômetros por hora, levando consigo para o crescimento, a agitação, a sedimentação, enfim, para a evolução onipotente, gêrmens infinitos de idéias e de fatos insuspeitados.

Que juízo farão das filosofias atuais os nossos descendentes do ano 3.000, tomando-se como termo de velocidade as conquistas que realizamos no último século, isto é, de 1850 a 1950?

De posse das ondas hertzianas, dos Raios X, da radioatividade, dos fenômenos moleculares, atômicos e nucleares, conhecimentos de que nos apropriamos dentro dos últimos sessenta anos, até aonde iremos parar?

A FIGUEIRA ESTÉRIL

VINICIUS

— Um certo proprietário tendo uma figueira em sua vinha, foi procurar nela fruto, e não o encontrando, disse ao seu mordomo: Eis que há três anos procuro fruto nesta figueira e não o encontro; conta-a, portanto, por que está ela ocupando a terra inutilmente? Retrucou o vinhaiteiro: Senhor, deixa-a ainda este ano, até que eu escave ao redor e deite adubo. Se der fruto, ficará, e, se não, mandarás cortar (Lucas XIII).

— Um certo proprietário tendo uma figueira em sua vinha, foi procurar nela fruto, e não o encontrando, disse ao seu mordomo: Eis que há três anos procuro fruto nesta figueira e não o encontro; corta-a, portanto, por que está ela ocupando a terra inutilmente? Retrucou o vinhaiteiro: Senhor, deixa-a ainda este ano, até que eu escave ao redor e deite adubo. Se der fruto, ficará, e, se não, mandarás cortar (Lucas XIII).

A sábia e eloqüente moralidade desta parábola está na altura de sua singeleza.

As árvores, como os homens, não devem ocupar a terra inutilmente. Ninguém vive neste mundo sem consumir, portanto, cumpra que todos dêem frutos segundo sua espécie e natureza. Parasitar é sinônimo de furtar.

O corpo, santuário do espírito, na inteligente expressão de Paulo de Tarso, nos foi dado pela terra; por isso, a ela temos que devolvê-lo em tempo oportuno. Essa restituição, porém, decorre de um imperativo inalienável. Produzir frutos, espontânea e livremente, tal o sagrado dever que assiste aos habitantes deste orbe.

Dar e receber importa no jôgo divino da vida. Os mesmos reinos da Natureza confirmam essa regra áurea. Os animais respiram o oxigênio que lhes fornecem as plantas, dando-lhes em troca o carbono de que elas necessitam.

A justificativa do proprietário da vinha, determinando que se cortasse a árvore infecunda, é indiscutível: Por que ocupa ela a terra inutilmente?

A intercessão do vinhaiteiro é oportuna e sugestiva: Deixa-a, Senhor, por mais um ano; revolverei o solo em seu redor e deitarei adubo; se produzir, ficará, se não, será cortada.

Nessa sugestão descobrimos a razão de ser da Dor, cujo efeito moral nos seres conscientes e responsáveis é aquele mesmo que o fertilizante opera nas plantas: estimular a produção.

A terra acolhe as raízes em seu seio fecundo e generoso, de onde as árvores sugam a força criadora, que, transmutada em seiva, assegura-lhes a vida; mas com isso, contraem a obrigação de produzir frutos. Não bastam copa, fronde, galhos e folhas virentes.

O mesmo acontece com o espírito. Encarna-se e se reencarna na orbe terráqueo onde permanece por tempo determinado, fruindo da ambiência de que o envolvem os elementos necessários à sua conservação. Está, portanto, no dever de produzir, como as árvores. Notemos esta circunstância que é importante; como as árvores, isto é, produzir para outrem. Se o não fizer em época hábil, virão a mondanura e o adubo fecundar o coração estéril.

E, ao dar, ninguém se preocupe consigo mesmo, pois certamente há de receber. A árvore de cujos ramos pendem sazonados pomos, é querida de todos; não falta quem dela cuide e por ela se interesse.

A mesma figueira estéril, a que alude a parábola, não encontrou quem a defendesse? Se fosse fecunda, quão mais protegida e amada seria!

Eis, em traços ligeiros, a interpretação da modesta e simples historietta, narrada pelo Divino Educador, a fim de ilustrar a mente e fecundar o coração de seus discípulos.

Recapitemos ainda, em rápido esforço, os assertos e as doutrinas que, em latência, se ocultam na letra e nos meandros da alegoria que ora comentamos.

Primeiro: Não é lícito ocupar na terra um lugar inutilmente. Isto foi dito acerca da figueira, porém, em alusão ao homem. Este é consumidor, por isso está na obri-

gação de produzir. Sua produção não deve revestir-se do caráter egolatra, visando exclusivamente a sua pessoa. Cumpra atender também para a coletividade, considerando o exemplo das árvores e das abelhas que produzem para outrem, nada reservando para si próprias. Do descaço à lei da solidariedade resulta o caos em que se debate a humanidade de nossos dias. A confusão, o desassossego, as apreensões e as amarguras batem à porta de todos os lares.

E' o facão do arado que revolve o solo ao redor das árvores infecundas; é a dor que ronda povos e nações. A evolução opera-se mediante o concurso de dois fatores, isto é, pelo amor e pela dor. Por vezes encontram-se ambos entrelaçados atuando de parceria. E', quando se trata de gerações impenitentes como a nossa, é a dor que, em tudo, prevalece. Daí o dizer de Guerra Junqueiro, a respeito desse hóspede indesejável, porém que, ao retirar-se, deixa invariavelmente efeitos benéficos e salutares: A flor é a dor da raiz; a luz a dor das estrélas; e a virtude ou o gênio é a dor ascendente do éter luminoso, cristalizando no homem, ao fim de um calvário inenarrável de milhões e milhões de séculos. Toda a alegria vem do amor, e todo o amor do sofrimento. A alegria é o sofrimento amoroso, o sofrimento espiritualizado. Deus é, pois, o amor infinito vencendo infinitamente a infinita dor. E, vencendo a infinita dor, Ele é a infinita alegria, a paz absoluta, a glória eterna, a bem-aventurança ilimitada. A vida é um calvário. Sobee-se ao amor pela dor, a redenção pelo sofrimento.

Cristo é o redentor humano, Deus é a redenção universal. Guerras, lutas, crimes, catástrofes, desordens evaporam-se e fundem-se em harmonia mágica, perfeita.

Oremos, oremos sempre: hosanas ao triunfo do amor, à vitória da dor, à alegria ascendente da natureza, à marcha épica da vida pelo caminho eterno que não tem fim. Oremos chorando nas lágrimas fecundas, que façam a terra produzir, palpitar o seio e germinar a semente. Lágrimas de aurora, orvalho vivo e criador. Orar e chorar heróicamente na ação, na luta, no mundo e para o mundo. Enganam-se os que vão para Deus, voltando as costas à Natureza.

Quem se quiser salvar, há de salvar os outros. Quem renega a Natureza, renega Deus. A ascese egoísta, eis o ateísmo verdadeiro. A inatividade é sacrilégio, a escuridão é sacrilégio, o silêncio é sacrilégio. A vida é som, é luz, é movimento. A vida marcha dos abismos, trágica e formidável, mas ruidosa e sinfônica, vestida de luz e de mil cores. Amortalhá-la de negro, arancando-lhe a língua para que não cante, e os olhos, para que não veja, não deslumbre nem dardeje, é como se lhe cravasse no coração uma facada sinistra. O quietismo beato, apagando o universo, apaga Deus. Quietismo e nihilismo, dois zeros, dois sinônimos.

Finalizemos — clamando: Homem — trata de produzir. Não deves ocupar na terra um lugar, improdutivoamente. Parasitar e furtar são dois verbos sinônimos da mesma conjugação.

Homem — produz como produzem as árvores, que, na expressão magnífica de seu altruísmo, produzem para outrem. Não temas fracassar, pois, até aqui, o fracasso humano tem sido a consequência do "slogan" — cada um para si. E' tempo, Homem, de te modificares, experimentando o inverso, isto é, todos por um, e um por todos, conseguindo assim o ritmo da unidade, que é o ritmo do Universo, o ritmo da Natureza, o ritmo de Deus!

ISTO DISSE JESUS

DELFINO FERREIRA

Jerusalém acabara de comemorar a Páscoa de 27 da nossa era. Jesus a ela comparecera pela primeira vez depois do batismo no Jordão. E' noite e o Mestre se encontra na casa em que se hospedara. Eis senão quando se lhe apresenta estranho visitante. E' NICODEMUS, "príncipe dos judeus", nos informa o evangelista João (3:1). Mal entrado e após saudar o suave Rabi, nele reconhecendo a manifestação do divino poder, surpreende-o o Senhor, (dentro do relato evangélico), porquanto, sem que algo mais houvesse falado o visitante, ao mesmo ISTO DISSE JESUS: "NA VERDADE, NA VERDADE TE DIGO QUE NÃO PODE VER O REINO DE DEUS SENÃO AQUELE QUE RENASCE DE NOVO".

Desta frase Jesus vai, de pronto, completar o sentido, ante a dúvida de Nicodemus, exposta na pergunta: "Como pode um homem nascer sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer outra vez?", dado que lhe reporta: "NA VERDADE, NA VERDADE, TE DIGO QUE QUEM NÃO RENASCE DA ÁGUA E DO ESPÍRITO, NÃO PODE ENTRAR NO REINO DE DEUS". O QUE E' NASCIDO DE CARNE, E' CARNE; E O QUE E' DO ESPÍRITO E' ESPÍRITO. NÃO TE MARAVILHES DE EU TE DIZER: IMPORTA-TE NASCER OUTRA VEZ. O VENTO SOPRA ONDE QUER E OUVES A SUA VOZ MAS NÃO SABES DONDE ELA VEM NEM PARA ONDE VAI. "ASSIM E' TODO AQUELE QUE E' NASCIDO DO ESPÍRITO".

Voltando Nicodemus a indagar como isso se poderia fazer, Jesus responde-lhe, perguntando, por sua vez: "TU ÉS MESTRE

várias coisas há a considerar, que lhe dão riqueza de significação.

Vejamolas:

1.º) que será, aqui, o "reino de Deus" que só poderá ser visto por quem "renascer" de novo?

2.º) que significará "renascer da água e do espírito" para constituir condição indispensável para entrar-se no aludido reino de Deus?

3.º) que compreender-se do paralelo estabelecido entre o "nascer-se do espírito" e o fato do vento soprar onde quer sem que o homem, não obstante ouvir-lhe a voz, saiba de onde nem para onde vai ele? Principalmente após a afirmativa de que o nascido da carne é carne e o nascido do espírito é espírito?

Do significado de tudo isto poder-se-á inferir que somente entrará no reino de Deus o homem renovado, regenerado, purificado?

Indubitavelmente sim, porém, como o entendem, o prescrevem certas igrejas, isto é, por simples submissão a idéias e práticas que não são árvores plantadas pelo Pai... Realmente sem atingir determinado nível de purificação, não se entrará no "reino de Deus", que, no caso em apreço, é um estado de consciência que faculta ao homem o senso da vida infinita, vivida em permanente comunhão com Deus e em irrestrita solidariedade com a humanidade, humanidade por sua vez não limitada ao nosso planeta, mas humanidade cósmica, senso somente assimilado por quem haja adquirido e sentido em si próprio a realidade de SER ESPÍRITO.

Desprendido, então, do nada que são as coisas do plano físico para prender-se ao muito que são as da espiritualidade, o homem — digamo-lo já agora — o Espírito humano, terá atingido o plano superior de vida que lhe dará o direito — por ele assim conquistado — de "se fazer Filho de Deus" (Jo. 1, 12).

Para tanto, porém, "é necessário renascer de novo". Da lição de Jesus neste episódio não há como não ver a imperiosa necessidade da encarnação do espírito para evoluir; "aquele que não nasce da água e do espírito não pode entrar no reino de Deus".

E' sabido que a água foi, para os antigos, um dos elementos da vida, o elemento primitivo, gerador da matéria, do corpo animal. Nascer da água é, pois, tomar corpo carnal, e este, de fato, só da carne e pela carne vem; ao passo que o espírito, individualizado, humanizado, tornado consciencioso em evolução, não nasce da carne, não nasce do homem, não nasce da vontade do varão, (Jo. 1:13). Nascer do espírito equivale a provir de um plano consciencioso como uma vontade individualizada.

Dos conhecimentos, experiências, etc., que ao espírito cumpre receber no caminho de sua evolução infinita, desde o seu primeiro estado de consciência rudimentar ao de consciência crística, muito há que adquirir através da matéria, da mais densa à mais etérea, e de cujo panorama podemos contemplar a extensão ao nos pormos em confronto com o Cristo e meditarmos sobre suas expressões: "o que eu faço vós podereis fazer, e ainda melhor"...

Ora, para tanto, muito cumpre "viver"... Jesus, não disse, éle próprio, que, antes de existir Abraão, éle existia? Que éle já "era", até mesmo antes da Terra "ser"? E não afirmou o Batista, reconhecidamente mais idoso seis meses do que Jesus, que éle, entretanto, era maior do que éle, João, por o haver precedido?

Conseqüentemente, e a isto queremos chegar, a extensão do curso evolutivo do espírito exige um tempo tão longo, que não se pode conter no de apenas uma, nem mesmo no de pequeno número de existências no plano físico.

Por isto afirmou o Divino Mestre: "... NÃO PODE VER O REINO DE DEUS SENÃO AQUELE QUE RENASCE DE NOVO".

Renascer de novo, implica, pois, em mais do que nascer uma segunda vez... Daqui decorre, portanto, que se para entrar no reino de Deus se fizesse mister ao homem regenerar-se, teria éle de regenerar-se mais de uma vez, de purificar-se mais de uma vez... E isto não se compreende nesta ordem de idéias.

A verdade, pois, está com o Espiritismo ao predicar: "NASCER, MORRER, RENASCER AINDA, PROGREDIR SEMPRE, TAL E' A LEI".

A todos PAZ e LUZ.

Se há uma realidade que não podemos negar, é essa, da existência de um princípio inteligente progredindo das formas inferiores para as superiores, passando por todas as vicissitudes da evolução até chegar ao homem e, deste, caminhando para o anjo. Essa idéia está implícita na unidade que preside o universo; é a afirmação da sapiência e magnanimidade de Deus, que não criou seres sem finalidade, mas os encadeou numa seqüência de progresso, que os leva, na sucessão dos milênios — que são apenas momentos da eternidade — ao ponto em que adquirem a consciência de si mesmos e, depois, por seu livre arbítrio, chegam à perfeição — meta final de todas as aspirações.

Para quem se habituou a raciocinar em termos do planeta em que vivemos, e acha que a Terra é o centro de tudo quanto existe e o homem o único ser bafejado pela graça divina, com o direito de gozar as bem-aventuranças do Paraíso, não é possível conceber esse parentesco humilhante com os animais. Mesmo porque, onde se daria, em nosso meio, a transmutação do animal para o homem?! Tive um professor que dizia que a evolução anímica era inadmissível porque, do contrário, veríamos de vez em quando aparecerem certas espécies, à maneira do Minotauro grego, metade homem e metade macaco, devido à transição que nelas se estava operando, à passagem para o reino hominal. Essa lógica teria procedência, apenas, se Deus não possuísse outro laboratório, que não o da Terra, para as suas experiências transcendentes.

Mas, tomemos o avião a jacto do pensamento, livres das injunções materiais, e nos elevemos a um tal ponto do espaço, que possamos divisar o infinito da Criação. À nossa visão assombrada desenhar-se-á o painel do universo, com os milhões e bilhões de sistemas planetários, com sóis que estão para o nosso como a lua para uma maçã; com mundos diante dos quais a Terra é simplesmente um grão de areia. Penetremos, ainda, com o pensamento, a economia desses sistemas siderais, e verifiquemos se de fato a vida ali não palpita, se eles fazem mortos na frieza dos tempos, rolando pelos espaços, atendendo a um capricho da Criação, sem outra finalidade que a de encantar os nossos olhos, quando os desviamos das mesquinhas de nosso plano e os voltamos para a imensidade. Não serão esses mundos aquelas diversas moradas que o Cristo disse existirem na Casa do Pai?

Se admitirmos duas premissas: a primeira, que há vida em todos os quadrantes do universo, a segunda, que a alma não é criada especialmente para animar o nosso corpo atual, mas que ela vem de priscas eras, acompanhando as pulsações do progresso, podemos aceitar, também, o vínculo de ligação de todos os seres da natureza, através da evolução do princípio inteligente.

— Como se dará, então, esse encadeamento? — perguntará imediatamente o leitor.

A nós, criaturas imperfeitas e ignorantes das verdades divinas, não foi dado ainda penetrar os mistérios sagrados da Criação. A origem das coisas somente a Deus pertence. Todavia, usemos a razão, que é o sinal distintivo da nossa espécie, e analisemos o fenômeno da vida, que se processa em torno de nós. Se plantarmos um vegetal em lugar sombrio, mas deixarmos que a alguma distância dele se projete uma nesga de sol, logo veremos seu caule infletir em direção a ela, em contorções desesperadas, como se estivesse a implorar um pouco de luz; se, ao contrário, plantarmos esse vegetal numa peneira, protegida por leve camada de terra úmida, quando as suas raízes, desenvolvendo-se, ultrapassarem os vãos da peneira e atingirem o vazio do espaço, imediatamente se voltarão para cima, em busca da terra e da unidade. A ciência chama a isso *tropismo*. Nós, porém, en-

A Propósito da Evolução Anímica

Ativo Ferreira

contramos aí os rudimentos de um psiquismo embrionário, que se manifesta, também, na sensação que o vegetal registra quando lhe causamos qualquer ferimento. Se, por outro lado, observarmos os animais, em sua vida de relação, notaremos que eles são portadores de uma inteligência rudimentar e, mesmo, de um certo grau de sentimento, que se evidencia na defesa da prole, no amor próprio ofendido quando os repreendemos, no amor ao próximo quando defendem seus iguais de algum perigo, na afeição que dedicam ao homem, quando domesticados. Estas coisas não podem ser produto do acaso, e nem tão pouco manifestação de vida orgânica. Quanto à inteligência dos animais, diz muito bem Gabriel Delanne em seu livro "Reencarnação": — "Se admitirmos, com os materialistas, que inteligência é função do cérebro, como existe nos vertebrados superiores um sistema nervoso mui-

to complicado, e como ele representa com o nosso a analogia de composição, de disposição e de reação, o que se produz em nós deve produzir-se nêles. O cérebro de um macaco ou mesmo de um cão não difere do cérebro humano senão por uma simplicidade maior, mas a topografia é quase a mesma, os neurônios são semelhantes; é preciso, pois, admitir logicamente, que as manifestações exteriores que qualificamos de inteligentes, em nós, devem ter o mesmo nome, quando observadas nos animais". Esse autor, dentre os escritores espíritas auxiliares e continuadores de Kardec, foi o que tratou mais de perto dessa questão. Seus livros intitulados "Reencarnação" e "Evolução Anímica" estão repletos de documentação científica que comprova a existência de uma alma animal que, pelo seu grau de progresso, não reagindo ainda pela razão, reage pelo instinto, que não é outra coisa se-

não a experiência acumulada nos reconditos do ser, através da repetição de atitudes em vidas sucessivas.

Esse princípio inteligente, que mal entreveremos no psiquismo vegetal, percorrendo todas as escalas dessa espécie, não na Terra somente, mas em diferentes mundos, até os mais perfeitos, chegará a um estágio de desenvolvimento, que se confundirá com as manifestações mais rudimentares do reino animal; conduzido a esse reino, aí praticará, nas miríades de formas e na gradação das espécies, da ameaça ao animal mais próximo do homem, o seu aprendizado na conquista de expressões mais altas. Há de chegar um ponto em que esse princípio inteligente, vindo da atração mineral para a sensação vegetal, seguindo desta para o instinto animal, adquiriu sensibilidade intelectual, que se ombreia, quase, às expressões inferiores do reino hominal, que se demoram em mundos primitivos, de progresso menor que o da Terra. Esse é o instante em que o sinete da Divindade imprimirá na consciência do ser a razão e o livre alvedrio, permitindo-lhe o conhecimento de si mesmo. Em nossa linguagem, podemos dizer: criou-se a alma humana. Esta, porém, é simples e ignorante e caminhando livremente, para o bem ou para o mal, determinará seu destino de gozos e penas, até atingir a perfeição.

Em sua obra "A Gênese", Kardec deixa entrever essa forma de surgimento da alma humana, escrevendo: "Segundo a opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, individualiza-se passando pelos diversos graus da espiritualidade; é aí que a alma se ensaia para a vida e desenvolve suas primeiras faculdades pelo exercício: seria, por assim dizer, seu tempo de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana". Mais adiante prossegue: "Esse sistema, fundado na grande lei de unidade que preside à criação, responde, é preciso convir, à justiça e à bondade do Criador; ele deu um destino aos animais, que não são mais seres deserdados, porém que encontram, no futuro que lhes está reservado, uma compensação aos seus sofrimentos".

Para a ciência honesta, que investiga sem espírito preconcebido, não há como negar a existência da alma no animal. (Entenda-se alma, aí, como princípio inteligente, ainda em desenvolvimento, mas indestrutível). Quanto à inteligência nos animais, o já citado Gabriel Delanne se refere aos cavalos calculadores Muhamed, Zarif e Hans, assim como aos cães Rolf, Daisy, Lola e Zou, além de outros, que, submetidos a rigorosas provas por cientistas de renome, demonstraram ser capazes de fazer cálculos e extrair raízes de segunda e quarta potências. Mas não é só isso. Enumera, também, vários casos de aparições e materializações de formas animais, em que ficaram afastadas todas as possibilidades de alucinação ou fraude; refere-se, por exemplo, ao fato de uma sonâmbula que, em transe, viu o desprendimento da forma fluidica de uma aranha que acabava de ser morta. Essas coisas não são afirmações gratuitas de autor parcial. Elas constam dos anais de sociedades de estudos metapsíquicos das grandes capitais europeias.

Ora, se essa alma animal existe, por que admitir que ela está condenada à eterna irracionalidade, se a própria lógica nos diz que Deus, na sua Justiça e Misericórdia, só poderia ter criado os seres para um destino glorioso e feliz?

O melhor é deixarmos de lado o nosso orgulho tolo, que nada constrói. Seguindo o conselho de Emmanuel — nome tutelar do médium de Pedro Leopoldo — "busquemos reconhecer a infinidade de laços que nos unem nos valores gradativos da evolução e ergamos em nosso íntimo o santuário eterno da fraternidade universal".

Deus te Salve, América!

LEOPOLDO MACHADO

Sou a hora da América, a Águia-Mulher, vestida de sol, com as asas de água.

O futuro lhe pertence, pois todos os continentes, menos o Americano, já registraram hegemonias morais e materiais, políticas e culturais.

Foram seus surtos de água, seu poderio militar, sua tática político-diplomática, que, modificando a política europeia, levaram, por duas vezes, o esmagamento ao poderio alemão. Donde, seu maior filósofo atual — Oswaldo Spenger — proclamou a ruína da velha Europa e o despertar da jovem América.

Deus te salve, América!

Tem, já agora, o povo americano, um grande papel a desempenhar no futuro!

Cabe-lhe, agora, por um determinismo providencial, a hegemonia sobre o mundo.

Aliás, o papel que, hoje, começa a desempenhar, talvez date de sua origem, ainda imperscrutável em nossos dias.

Seu nome para Canaval (Elogio de A. Vespuccio) devia ser com H, derivado de Hec Maria, em homenagem à mãe do Cristo. Lambert de Saint-Bris deriva-o de Amaica, vocábulo sagrado dos peruanos. Quer revele coisa sagrada, quer recorde a Mãe do Nazareno, parece que o Continente Americano já se formara com tonalidades espirituais.

Deus te Salve, América, mulher-águia! Águia Apocalíptica!

Seu nome, entre os indígenas primitivos, significa, **Terra do Ouro!**

E o é, efetivamente, Terra do ouro material, pela exuberância de suas minas. Terra do ouro espiritual, por seus surtos de progresso, seu amor à Liberdade, que a imprensa, a democracia moderna e o Espiritismo em teu seio se formaram.

Nome derivado de um ousado aventureiro genovês, e que não é, não pode ser. Até porque o grande piloto era Alabérico, e não Américo.

Em longicíssimo passado, foi a América, provavelmente, a Antilha dos Fenícios.

Os Argonautas gregos denominaram-na **Ilha das Sete Cidades, Continente Croniense, Mar Hiberberense**. Platão acreditava fosse a **Terra das Hispérides**, cujos pomos de ouro, as laranjas — e a América é o **Continente das Laranjeiras** — eram velados pelo dragão; Platão chamava-a **Ilha Poseidon**. Teria sido a **Atlântida** ou o maior fragmento seu, para a grande Blavatsky. Foi, apenas, para Theopompo, o **Grande Continente**. Para Diodoro da Sicília, a **Ilha Ilcegnita, ou Empoada**. As **Ilhas Afortunadas**, de velha tradição. O **Ophyr Fabuloso**, da Bíblia, cujo epicentro seria o Brasil.

Não teria sido — pergunta ilustre mitólogo — o **Mar de Cronos, Reino de Saturno** e berço dos deuses mitológicos da Fábula? E o **Mar de Bruma**, dos velhos chineses?

"Foi do continente americano que se irradiou a Vida e a Civilização para os outros continentes", afirma outro ilustre exegeta.

As civilizações encontradas na América, principalmente pelos Colonizadores Espanhóis, Ingleses e Franceses, assim atestam.

De que raça, povo e terra teria derivado sua gente, dado que dela não saísse tudo isso?

Dos Cananeus, para Gomera. Para Kirchere, dos Egípcios. O historiador Inglês, Dair, escreve que dos Judeus. Dos Japoneses, para Fernier. Para Hugo Grotius, dos Noruegueses. Jones diz que dos Hunos. Dos Hunos e dos Tártaros, para Brerewood. Descendemos de povos asiáticos, para Humboldt e para outros antropologistas. Dos Primeiros Israelitas, descendentes das tribos de Benjamim, afirmam estudiosos desses assuntos. Talvez de Cam, filho de Noé...

Será por tudo isso que os americanos possuem todas as virtudes e alguns vícios de todos os povos do passado?

Para Menaseh Ben Israel, somos descendentes diretos dos Israelitas. Por isso, o grande pesquisador israelita descobre nos americanos as mesmas tendências religiosas e sociais, as mesmas características racionais, os mesmos elementos histórico-biológicos dos homens de sua raça.

Seremos descendentes do povo eleito do passado?

Talvez seja por isso que somos o povo eleito do presente.

Talvez por isso é o Brasil a Pátria do Evangelho restaurado em espírito e verdade.

Deus te salve, Grande América!

A tua terra, a teu povo, a tua gente!

Procuremos ser dignos filhos da **Águia-Mulher** do Apocalipse, na consciência de que nós, brasileiros, descendemos do coração de Mulher-Águia, que é o Brasil.

Por isso mesmo o Brasil, sendo o Coração da América, o é também do mundo. É a Pátria do Evangelho restaurado em Espírito e Verdade.

Deus te salve, Brasil, coração da América e Pátria do Evangelho!

PELO MUNDO

FRANÇA

Cada povo com seu uso...

Há um brocardo que diz que cada povo com seu uso e cada roca com seu fuso. Assim é realmente. O que para uma nação é habitual, para outra é inabitual; o que para uma é comum, para outra é incomum. Tudo é questão de hábito, que se resume talvez em questão de tempo e pa-chorra.

No meio espírita francês — para só citarmos a terra de Allan Kardec —, há certos costumes que, para um brasileiro, destoam notavelmente.

Vamos a dois exemplos, como amostra para os leitores. *La Revue Spirite* costuma publicar anúncios desta natureza:

"Única em França. Espiritualistas! Uma casa de repouso lhes está reservada a 22 quilômetros de Vichy, na célebre encosta de Sioule. Com um agradável panorama numa natureza maravilhosa, Vocês terão ali, a preços muito módicos, apropriados recintos para repouso. Conforto, alimentação perfeita, um lugar adequado que lhes permitirá continuar as suas pesquisas, os seus estudos, as suas experiências. Há poucas vagas. Aberta durante todo o ano. Escrever para..."

Outro, ainda mais interessante:

"Um restaurante de Paris onde Você terá sempre boa acolhida. Aos sábados, às 16,30 horas, há chás espíritualistas durante os quais está à sua disposição uma pessoa que trata de questões espíritas, metapsíquicas, astrológicas e ciências conexas..." (Preço global: chá e bolos, 200 francos).

Não vemos nada de mais em tudo isto. Aliás muito proveitoso na verdade deve ser um passeio onde não só a gente se diverte, mas também cuida de coisas espirituais, estudando, pesquisando ou ouvindo lições de pessoas indicadas para esse fim. Nos Estados Unidos da América do Norte não existem ainda os *camp-meetings* espíritas?

E' mil vezes preferível um "chá espíritualista", com preço certo, onde se ouvem e se discutem assuntos psíquicos, a um rabo-de-galo nosso num botiquim, onde o menos que se discute é a vida alheia.

Enfim tudo é simples questão de hábito: cada povo com seu uso, cada roca com seu fuso...

ARGENTINA

Buenos Aires

I. A. P.

O Instituto Argentino de Parapsicologia tem nova Diretoria. Aquêl Instituto do vizinho país é sociedade eminentemente científica, com orientação adomgâmica. Estuda os fatos parapsicológicos ou metapsíquicos com largo critério de investigação, sem preconceitos de qualquer espécie.

Está assim constituída a sua nova Diretoria:

Presidente: Eng.º José S. Fernández.

Vive-Presidente: Sr. Benjamin E. Odell.

1.º Secretário: Eng.º Leon E. Logegary.

2.º Secretário: Dr. Hector J. Meson (Cirurgião-Dentista).

1.º Tesoureiro: Luis M. Di Cristoforo Postiglioni (Cinesiólogo).

2.º Tesoureiro: Adalberto Ibarra Grasso (Entomologista).

Vogais: Dr. Juan Antonio Schroeder (Médico e Professor); Dr. Emilio Gomez Luengo (Economista); Eng.º Juan B. Kervor (Eng.º Civil e Professor Univ. de Eva Peron); Dr. Alejandro Herosa (Advogado e Professor).

Conselheiros-Suplentes: Dr. Pedro B. Baldassarre (Acadêmico); Dr. Enib Berceche (Médico); Eng.º Va-

lentin Regairaz (Eng.º Civil); Eng.º Luis Fukschein (Eng.º Agrônomo).

Guarda-Livros: Srs. José F. Gomez e S. Jorge Pfluger.

Os nossos cumprimentos e votos de progresso... parapsicológico.

BRASIL

Rio de Janeiro

O suicídio de Getúlio Vargas

O suicídio de Getúlio Vargas foi previsto, com a antecedência de um ano, por famosa cartomante de Paris. Assim o noticiaram os jornais desta Capital.

O Dr. Simões Filho, então titular da Pasta da Educação, viajou, em plena crise do chamado "Ministério da Experiência", à Europa, para representar o Brasil num congresso educacional. Indo a Paris, teve oportunidade de ouvir dos lábios de conhecida cartomante uma previsão dolorosa relativa ao Presidente desaparecido. Disse-lhe ela, textualmente:

— O Sr. é Ministro de um Chefe de Estado que terá morte violenta antes de setembro de 1954 e em circunstâncias trágicas!

O Dr. Simões Filho muito se impressionou com a profecia, que era feita por cartomante assaz considerada entre os seus clientes. Encontrando-se mais tarde com um amigo naquela cidade, contou-lhe o episódio, acentuando que havia na voz da adivinha um tom de tão grande convicção, que ele chegou a ficar vivamente impressionado.

O resultado do vaticínio, não há quem o não conheça, infelizmente. Consumou-se de maneira trágica, em toda a linha, no dia 24 de agosto, quando Getúlio Vargas resolveu pôr termo à vida com um insidioso tiro no coração.

A imprensa profana, na sua insciência dos assuntos psíquicos, admirou-se da profecia. Mas não há de que admirar-se. Tudo tem a sua razão de ser. E explica-se sensatamente e perfeitamente pelo Espiritismo, que sacia o Espírito, depurando-o e orientando-o.

Aliás o nosso desditoso Presidente, sendo entrevistado na sua Fazenda de Itu, no Estado do Rio Grande do Sul, antes da sua nova eleição à Presidência da República, declarou ao repórter que *sabia* que ia ser reeleito, mas que tinha a *certeza* que não chegaria ao fim do mandato.

Como pôde e pode ser isto? Muito facilmente. Allan Kardec nos ensina que o Espírito encarnado guarda lembrança dos acontecimentos mais importantes de sua vida que se estão por realizar. Recordar-se dêles na hora asada, dormindo e sonhando ou acordado e recebendo influências. E' o que nós chamamos, a título de explicação, quando sonhando: *sonhos premonitórios*, e quando acordados ou em estado sonolento: *aviso, intuição, pressentimento*, etc.

Não se lembram os leitores do caso, conhecido nos anais psíquicos como sendo o *Sonho de Abraham Lincoln*, Presidente da República norte-americana, também desaparecido em condições sinistras, embora de outra maneira? Vamos relatá-lo, não já na suposição de que nem todas as pessoas o conheçam, mas sobretudo para mais uma vez pormos em ressaltado o caráter veraz dessas revelações do futuro, às vezes ignorantemente mal interpretadas e explicadas na sua essência:

— "Há uns dez dias — conta Abraham Lincoln, na tradução portuguesa do Sr. Armando Sansão, a Ward Hill Lamson, que mais tarde veio a ser o seu biógrafo — recolhi-me muito tarde. Pouco depois de estar deitado caí em sonolência, pois estava fatigado, e, em breve, comecei a sonhar. Parecia haver, à minha volta, um silêncio de morte. Súbitamente ouvi soluços convulsivos, como

Não é um livro mediúnico, mas trabalho de Kardec

IRMÃO SAULO
Para "Unificação"

Remetem-nos o recorte de um artigo em que illustre pastor católico, a título de lembrar às suas ovelhas o perigo que o lóbo do Espiritismo representa para o rebanho, aponta "A Gênese", de Allan Kardec, como um exemplo de falsidade das comunicações espíritas. Toda a tese defendida pelo articulista pode ser resumida no trecho inicial do seu trabalho, assim redigido:

"Existe nas mensagens espíritas um elemento que nos parece muito importante, e que, a nosso ver, prova com evidência absoluta a total falsidade da tese espírita. E' o seguinte: as mensagens espíritas sempre refletem o espírito do tempo e a mentalidade dos médiuns. Ou, por outra: os "espíritas" que se comunicam nas sessões não só nunca se mostram mais sábios e adiantados nas ciências, mas repetem também, fielmente, os mesmos erros e as mesmas mentiras históricas dos próprios espíritas. Donde concluímos que as tais mensagens têm sua origem, não em algum espírito "desencarnado", mas no próprio subconsciente do médium".

O silogismo, como se vê, está bem construído. De acordo com as regras da lógica formal, ou "lógica menor", é irrepreensível. Mas o argumentador deve saber que existe uma "lógica maior", que não trata apenas da forma da argumentação, mas também da validade dos materiais usados pelo raciocínio. E se examinarmos o material acima, verificaremos que ele é falso. O argumentador partiu de uma premissa errônea, e só poderia chegar ao erro, nunca à verdade.

A afirmação de que "as mensagens espíritas sempre refletem o espírito do tempo e a mentalidade dos médiuns" é inteiramente gratuita. Os fatos aí estão, para desmentir-la a todo instante. O próprio advento do Espiritismo prova o contrário. Em meados do século passado, quando surgiu o Espiritismo, as idéias dominantes eram de duas naturezas bem definidas: religiosas e materialistas. O Espiritismo não esposou nem umas, nem outras. Colocou-se no meio, realizando o milagre da síntese, que o pensamento humano não havia conseguido. Os espíritos, com suas mensagens, superaram o tempo, revelaram uma forma nova de interpretação do Universo e da Vida, levaram o próprio Kardec a conclusões que jamais lhe haviam passado pela mente, nem de leve.

Hoje, os exemplos aí estão: um capirinha mineiro de Pedro Leopoldo a escrever sobre assuntos que ultrapassam de muito a sua capacidade intelectual; um mecânico norte-americano a receber a continuação mediúnica de um romance de

Charles Dickens; homens e mulheres de instrução primária ou de nenhuma instrução esclarecendo problemas médicos e realizando curas que os mais ilustres profissionais da medicina não conseguem efetuar; Rosemary, na Inglaterra, provando a reencarnação, contra as opiniões gerais.

Quanto ao problema do subconsciente, é velha tecla, bastante gasta, em que insistem os adversários do Espiritismo. As diferenças entre as mensagens mediúnicas e as chamadas "traições do subconsciente" são de tal natureza, que só os ignorantes de uma e de outra coisa poderiam confundir-las. Carlos Imbassahy trata desse assunto, de maneira clara, em "A Reencarnação e suas Provas", e Sérgio Valle em "Silva Mello e os Seus Mistérios", cap. VI. O médico português Antonio Freire, em sua obra "A Margem do Espiritismo", foi mais longe, demonstrando que os próprios espíritos foram os primeiros a falar nas "traições do subconsciente", antes dos nossos cientistas, em mensagem publicada na "Revue Spirite", no ano de 1865.

No tocante ao livro "A Gênese", de Kardec, não se trata de obra mediúnica. Kardec não quis fazer nenhuma espécie de revelação, ao escrever esse livro. Aproveitou as instruções dos espíritos, serviu-se de uma mensagem de Gallieu, recebida por Flammarión, mas sempre dentro do critério, por ele mesmo proclamado, de que: "Os espíritos não se manifestam para libertar o homem do estudo e das pesquisas, nem para lhe transmitir, inteiramente pronta, nenhuma ciência". Veja-se o que ele diz no número 60 do cap. I de "A Gênese". Logo mais, no número 61, encontramos o seguinte: "Primeiramente, como já o declaramos, os espíritos se abstêm de nos dar o que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas cuja revelação não lhes é permitida, porque o grau do nosso adiantamento não as comporta".

"A Gênese" é obra de Kardec, não dos espíritos. Não é uma reunião de mensagens ou revelações, como "O Livro dos Espíritos", mas uma exposição de problemas cosmológicos à luz dos princípios espíritas. Representa, segundo as próprias palavras de Kardec: "um complemento das aplicações do Espiritismo, de um ponto de vista especial". Kardec não quis ultrapassar o seu tempo. Tinha por objetivo tão-somente lançar, como de fato lançou, as bases de uma cosmologia espírita, rigorosamente apoiada nos conhecimentos científicos da época. Basta uma leitura atenta, sem prevenções, das suas primeiras páginas, para se compreender a natureza do livro.

se muitas pessoas estivessem chorando. Julguei ter deixado a cama e que vagueava pelo andar inferior. Ai o silêncio foi quebrado por doloridos soluços, embora as pessoas que assim se lamentavam estivessem invisíveis. Andei de sala para sala. Não havia, à vista, qualquer pessoa viva, mas, por onde quer que passasse, esperavam-me os mesmos lamentos de dor. Todos os objetos me eram familiares. Onde estavam, contudo, aquelas pessoas que assim se lamentavam como se os seus corações estivessem dilacerados? Eu estava, na verdade, confuso e alarmado. Qual seria a significação de tudo isto? Decido a descobrir a causa de um estado de coisas tão misterioso e chocante, continuei deambulando até à Sala Oriente. Entrel. Ali me esperava uma surpresa macabra. Diante de mim erguia-se um cadáver envolto em vestes fúnebres. Em volta perfilavam-se soldados fazendo a guarda, e uma enorme multidão. Alguns contempla-

vam lamentosamente o corpo cuja face estava coberta; outros soluçavam piedosamente.

— Quem morreu na Casa Branca? — perguntei a um dos soldados.

— O Presidente!, foi a resposta. Ele foi assassinado!

Da multidão veio, então, uma explosão ruidosa de dor, que me despertou do meu sonho. Não dormi mais naquela noite e, se bem que se trate de um sonho, desde então que me encontro estranhamente indisposto".

Esse sonho martirizou Abraham Lincoln por muito tempo, até que, no dia 14 de abril de 1865, foi aquele grande estadista assassinado num teatro, em Washington, pelo ator Booth.

Cumprira-se o sonho. A incoercível lei de Causalidade teria determinado o insólito acontecimento. Pagamos as nossas dívidas de acordo com os nossos débitos. O Cartório de Protesto divino, se bem que paciente e benévolo, é inexorável.

Língua Internacional

Mário RODRIGUES MONTEIRO

A questão de língua internacional, de tão antiga, bem se poderia aplicar o velho aforismo do Ecclesiastes. E não se lhe pode negar importância, pois, se não a possuísse, como explicar que homens como Leibnitz, Descartes, Bacon, Condillac, Pascal, para não citar senão uns poucos, lhe tenham reservado importante lugar nas suas cogitações?

Se em tempos de tão pouco e tão lento intercâmbio internacional, como aqueles em que viveram os grandes filósofos citados, já o problema constituía motivo de preocupações, que diremos agora que as grandes descobertas da nossa civilização mecânica contrairam prodigiosamente a superfície do planeta?

Línguas internacionais sempre as houve. Que outra coisa foi por exemplo o grego dos áureos tempos da Hélade? E porventura já o mundo ocidental viu língua internacional mais difundida que o latim, durante os séculos em que as águias romanas atestaram o poder dos césares, da Bretanha à Mauritânia e da Lusitânia à Armênia? E, no largo interregno de dez séculos que mediou entre o dia em que os homens de Odoacro depuseram a sombra de imperador romano que o destino irônico quis se chamasse Rômulo Augústulo e aquele em que Constantino Paleólogo pereceu aos golpes dos turcos, por acaso não continuou o latim a desempenhar o mesmo papel? Não o atestam superabundantemente os paradigmas da cultura da época, desde o "De Trinitate" de Santo Agostinho até aos "Principia Philosophiae" de Descartes?

Mas o latim, língua difficilima e de impossível aquisição para as massas populares, ficou confinado ao restrito círculo dos eruditos medievais e não pôde resistir à forte corrente de ar fresco do Renascimento. E nem poderia deixar de assim suceder, visto o progresso da ciência reclamar o uso de vocábulos e expressões a que o latim só muito dificilmente se poderia amoldar, muito embora tenha havido quem tentasse fazê-lo reviver desembaraçado das suas inúmeras irregularidades, como fez por exemplo Fröelich com a sua "Reforma do Latim" (1902).

...Nos tempos modernos o espanhol, o francês e o inglês, sucessivamente e com maior ou menor difusão, têm desempenhado, no mundo ocidental, o papel que outrora coube ao grego e ao latim. E isso porque as relações internacionais requerem, de fato, um instrumento de compreensão. O inglês, por diversos motivos conhecidos, parece levar atualmente a palma às outras línguas suas rivais. Mas como é língua difficilima, cujo aprendizado perfeito requer vários anos de constantes esforços, o Prof. Ogden imaginou há vários anos uma condensação do idioma de Milton que permitiria, dizia-se, ao ocupadíssimo terraqueo do século XX aprendê-lo no limitadíssimo tempo de que para tal pode dispor na fila do ônibus ou na do cinema. E' verdade que a facilidade que o "Basic English" (é assim que lhe chamam) prometia era, segundo também se afirmava, relativa. Pois não permaneciam na íntegra todas as complicações gramaticais e de pronúncia, dessa inapreensível pronúncia inglesa que a nenhuma regra obedece? E os incriáveis circunlóquios necessários aos cultores do Basic? Em seu delicioso "Com Amor e Ironia" assevera Lin Yutang que, em Basic, um "ovo fervido" pede-se assim: "Give me an egg boiled without hard cover in boiling water" (Dê-me um ovo cozido, sem a dura capa, em água fervente) e que "figado de vitela frito" é, nem mais nem menos, do que "young cow inside thing nearest the heart boiled in oil" (coisa de dentro da vaca moça mais perto do coração, servida em azeite)!!

Não admira, pois, o fracasso, já agora evidente, do Basic, hoje confinado ao papel de "stepping stone" em certos cursos elementa-

res de inglês. Segundo tudo parece indicá-lo, igual malágro está reservado a qualquer língua nacional que ambicione internacionalizar-se como idioma auxiliar.

Essa grande mestra que é a História nos ensina, com efeito, que as línguas nacionais só se expandem enquanto está em ascensão o poder material e cultural dos seus países de origem. Com o ocaso desse poder declina também a sua difusão. Por que, pois, escaparia o inglês, básico ou não, a esse fatalismo histórico?

E, afinal de contas, concordariam alemães, franceses, russos, espanhóis e hispano-americanos em aceitar o Basic? Não prefeririam criar e propagar também condensações das suas próprias línguas? E poderíamos, em sua razão, censurar o chinês se, daqui a alguns decênios, uma vez desenvolvidas as tremendas possibilidades do seu gigantesco território, nos viesse trazer, entre duas mesuras e um sorriso, o Pequeno Básico, prontinho numa bandeja?

Luis Lázaro Zamenhof que às suas excepcionais qualidades de filólogo reunia profundo conhecimento do coração humano não ignorava as respostas a essas perguntas. Eis porque não se deteve a condensar línguas nacionais...

Preferiu, embora com maior esforço, criar o Esperanto. Essa língua, cuja gramática se aprende em meia hora, apresenta as seguintes características de simplicidade: dezesseis regras gramaticais sem exceções; vocabulário reduzido, com apenas algumas centenas de radicais; trinta prefixos e sufixos que lhe conferem maravilhosa utilidade e inacreditável riqueza de expressão. Há quem afirme, Deus sabe com que conhecimento de causa, ser o Esperanto mero e rígido aglomerado de vocábulos sem possibilidade de vida. Não era essa, no entanto, a opinião do insigne esperantista que foi Olavo Bilac. O grande esteta brasileiro afirmou que "o Esperanto é uma língua simples, harmoniosa e útil".

Pessoas que durante anos aplicadamente estudam línguas estrangeiras sem chegar a sabê-las bem, aprendem o Esperanto com perfeição em seis meses. Nessa língua podem ler-se milhares de obras versando os mais dispares temas, como a Monadologia, de Leibnitz, as tragédias de Shakespeare, a "Vida de Jesus", de Renan, a "Ilíada", de Homero, "O mundo em que vivemos", de Van Loon, "Nada de novo no front", de Remarque, "Sangue e Areia", de Blasco Ibañez, "Ariel", de Rodó, "Cinco minutos", de Alencar, e, claro está, a Bíblia!

Atualmente, calculando muito por alto, existem, só na Europa, umas cento e tantas línguas oficiais. No mundo inteiro, esse número é, evidentemente, muitíssimo maior. O desenvolvimento vertiginoso da cultura das grandes massas populacionais anda a imperativamente exigir, e o surpreendente adiantamento da técnica a grandemente facilitar o desenvolvimento cada vez mais intenso dos intercâmbios internacionais, os quais, porém, é evidente, só poderão alcançar sua maior amplitude e democratização numa base monolíngue.

A língua neutra auxiliar entrará assim no uso internacional generalizado, por força das necessidades criadas pelo próprio progresso, a cujo impacto ninguém nem nada pode resistir. Será necessariamente a língua de ninguém e, concomitantemente, a de todos, isto é, pertencerá, de direito, a cada um, mas nenhuma raça nem nação poderá jamais reivindicar-lhe a propriedade exclusiva.

Estamos, é bem de ver, a falar do Esperanto, essa luminosa criação dum grande idealista.

Aguardemos com tranquila confiança o veredicto da Humanidade.

Secção da Mocidade

ECOS DA SEGUNDA REUNIÃO DE MOCIDADES

(Palestra proferida no Rádio Tupi, no dia 30-5-1954, pelo representante de Araraquara, Sr. Orlando A. Toledo).

Nas reuniões prévias do II Congresso de Mocidades Espíritas do Estado de S. Paulo, realizadas em caráter regional, foram recebidas pela comissão organizadora sugestões em torno de assuntos constantes do temário: Doutrina, Organização, Arregimentação, Publicidade, Social e Assistência. Nas reuniões plenárias, foram as mesmas sugestões estudadas e discutidas, chegando os congressistas às seguintes decisões finais:

Sobre Doutrina: ficou reconhecida a necessidade de orientação da infância por meio de aulas de moral cristã, ministradas pelas Mocidades: necessidade de estudo metódico das obras kardeccianas: criação de cursos de pregadores, e interessar os moços pela parte experimental da doutrina espírita.

Sobre Organização: lembrada a utilidade da adesão das Mocidades ao movimento unificador da USE; foi ainda decidido que as mesmas organizem grêmios infantis com base nos alunos das escolas dominicais, e que em substituição aos Conselhos Consultivos, sejam constituídos Conselhos Diretores, com função deliberativa deixando a condição de autonomia ou não das Mocidades, a critério da conveniência de sua organização.

Sobre Publicidade: que as Mocidades Espíritas prestigiem os jornais e programas radiofônicos já existentes; que seja incentivada a difusão da arte no seu verdadeiro sentido e com o de atividades das Mocidades as datas magnas do Espiritismo, notadamente a do dia do Livro Espírita, e que o resumo de atividades anuais das mesmas seja tornado público.

Programas sociais: que as Mocidades promovam reuniões sociais constantes de divertimentos sadios e instrutivos, domiciliares ou não; que seja incentivado o intercâmbio entre as mesmas e que as Mocidades se reúnem para acolher os estudantes espíritas que se deslocam de uma para outra cidade.

Sobre Assistência: decidida a estreita colaboração das Mocidades para com as obras de assistência já iniciadas: realização de outros programas assistenciais mantidos por quadros de sócios, pequenas indústrias, etc., e assistência cultural aos associados, com a manutenção de cursos de cultura geral.

As decisões sobre Arregimentação de novos valores para o movimento juvenil espírita serão tomadas ainda hoje por ocasião da última reunião plenária. Dadas as condições que nortearam o desenrolar das reuniões anteriores, é de se esperar que as resoluções de hoje sejam tão utilitárias quanto providenciais, constituindo como as já citadas,

diretrizes sábias e seguras a serem tomadas pelas Mocidades Espíritas do Estado, no seu trabalho de esclarecimento e de fraternidade no movimento renovador espírita.

Retificação

Dada a pressa, para que pudesse sair antes das eleições, com que o último número de UNIFICAÇÃO foi revisado na tipografia, cometeram-se algumas grafias no estudo sobre ERNEST RENAN, de um dos nossos colaboradores, como a falta do número da série, que é o IV, do subtítulo, que é O ESPIRITISMO, além de outras, como "influências causalísticas" por "influências casualísticas", "A Vida de Jesus" por a "Vida de Jesus", "falando à sensibilidade" por "falado à sensibilidade".

A grafia mais grave porém foi a da coluna 7.ª, linhas 14 e 15, para a qual pedimos a correção do leitor. Onde está: "que enfim Renan, sem o suspeitar, achara o caminho para o Espiritismo", deve estar: "que enfim Renan, sem o suspeitar, achanara o caminho para o Espiritismo". O verbo é *achanar* e não *achar*.

UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE

Direção: DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

CONSELHO DE REDAÇÃO:

J. Herculeano Pires
Luiza Pessanha Camargo Branco
Luiz Monteiro de Barros
João Teixeira de Paula
Abraão Sarraf

Redação: Rua S. Amara, 362 - Cx. P. 3.946
Telefone: 37-8637 — São Paulo

Assinatura anual Cr\$ 20,00
Número avulso Cr\$ 2,00

PARA AS SOCIEDADES ESPIRITAS:
Desconto de 25% para 20 exemplares ou mais.

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da Use e entidades adesas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel e não ultrapassar duas folhas do tamanho de ofício.

Impresso na LINOGRÁFICA EDITORA
Rua Almirante Barroso, 478 — S. Paulo

Estudo sôbre o «Passe»

II

JOSÉ CARLOS JORDÃO DA SILVA

Em continuação ao nosso estudo sôbre o «passe», resolvemos, para melhor compreender o assunto, dividi-lo em capítulos.

Abordaremos neste número os primeiro e segundo capítulos, intitulados: *Fatos e Bases científicas do passe*.

FATOS — O médico alemão H. A. Haensch inventou um aparelho que revela os índices patológicos, antes mesmo que uma enfermidade tenha aparecido. Segundo a notícia que nos chegou recentemente da Alemanha, declara o cientista que tal aparelho registra as «variações do campo eletro-magnético criado pelo doente». Assegura-nos o médico germânico a possibilidade de descobrirmos sintomas de doenças, antes mesmo de suas manifestações, perceptíveis pelos meios comuns de diagnóstico.

Para o meio espírita brasileiro, não há necessidade de citar fatos sôbre os quais fundamentaremos nosso estudo. Tais fatos são do conhecimento geral. Na França, em 1853, uma revista semanal intitulada «Noir et Blanc», publicou uma série de 36 reportagens sôbre as curas através do «passe», com a finalidade de esclarecer a opinião pública. A grande «enquête» sou o título «Chez les guérisseurs qui guérissent» apresenta-nos as personalidades dos maiores curadores da Europa e suas curas. Ai se nos depára abundante material para estudo, de cuja veracidade nem mesmo céticos poderão duvidar. Não citaremos tais fatos, porque seria superfluo, desde que este estudo é dedicado ao meio espírita nacional o qual como já dissemos é conhecedor da real existência desses fenômenos. (Quem se interessar conhecer a reportagem supramencionada é só dirigir-se a: Noir et Blanc, Rua Lincoln, n.º 8, Paris, France).

BASES CIENTÍFICAS DO PASSE

Seria impossível justificarmos claramente o uso do «Passe», sem deixar claro o papel precípuo desempenhado pelo sistema nervoso no ser humano. Vejamos, pois, qual é esse papel.

Nos séres de organização física mais simples, os protozoários, qualquer modificação ou excitação do meio exterior é transmitida a toda massa protoplasmática que o compõe e esta reage, em todo ou em parte, com seus movimentos de defesa ou locomoção. A biologia explica que tal excitação é transmitida às distantes partes do indivíduo através do citoplasma ou hialoplasma, matéria clara, de natureza albuminóide, que enche todas as células. A medida porém que os organismos se complicam, nas organizações pluricelulares, torna-se impossível manter essa comunhão entre as diferentes partes, pela simples condução citoplasmática, pois esta, além de ser muito lenta, a divisão do indivíduo em células tem como resultado a ausência de comunicação entre essas diferentes células, existindo tal comunicação, excepcionalmente, em certos vegetais (fenômeno de plasmólise), sendo raríssima nos animais.

Assim sendo, o psiquismo, quando limitado numa organização complexa como a pluricelular, ver-se-ia impossibilitado de permanecer em correlação com o ambiente e a oferecer uma resposta rápida às excitações do meio exterior. Para suprir as deficiências da condução citoplasmática, é que aparece nas organizações pluricelulares um rudimento de sistema neuro-muscular o qual atinge o seu maior desenvolvimento no homem, realizando a integração desse complexo que é o ser humano.

Tal sistema exerce principalmente as grandes funções de preparar e coordenar as reações do meio exterior, de estabelecer as correlações entre as diferentes partes e, resumindo tudo, DE INTEGRAR EM UM TODO HARMONIOSO O ORGANISMO, QUE DEIXA DE SE NOS APRESENTAR COMO UM SIMPLES AGREGADO DE ÓRGÃOS ISOLADOS; TORNAM-SE ESTES SOLIDÁRIOS UNS COM OS OUTROS E O CARÁTER DE INDIVIDUALIDADE ADQUIRE SUA VERDADEIRA SIGNIFICAÇÃO.

Claro, que é o psiquismo nas organizações animais, e o espírito no homem, o

agente de tais reações, utilizando-se do sistema já mencionado: neuro-muscular. Deixado pois claro o papel do sistema nervoso no homem, que é o de integração das diversas partes de que se constitui o indivíduo e elemento através do qual o espírito rege a matéria, surge-nos à mente uma questão formulada à ciência: Qual a causa, a mola propulsora que impulsiona, através do organismo, as respostas às excitações vindas do exterior? Diz Felix Rawitscher «A causa mecânica responsável por tais reações e transmissões citoplasmáticas é até hoje inexplicável. Com os conhecimentos do Espiritismo entrosados com a análise científica do organismo animal e suas relações com o sistema nervoso, parece-nos clara a resposta: A causa está NA PRESENÇA DO ESPÍRITO QUE POR MEIO DE INFLUXOS ELETRORRADIACIONAIS, INFLUXOS DE ORIENTADOS, INFLUXOS CONDUZIDOS POR INTERMÉDIO DO SISTEMA NERVOSO, RESPONDE INTELIGENTEMENTE A TAIS EXCITAÇÕES.

Isto pôsto, qualquer desequilíbrio na vida psíquica do indivíduo causaria uma deficiência na alimentação do sistema nervoso pelos influxos eletro-magnéticos, provenientes do psiquismo, o que redundaria numa ulterior quebra da harmonia orgânica, aparecendo como última fase do fenômeno a enfermidade.

Para bem compreendermos porque o desequilíbrio do sistema nervoso causa desarmonia orgânica, foi que expusemos o papel desempenhado por ele no ser humano, ficando claro que se a ele compete coordenar harmonicamente o organismo, através de centros de força, os

plexos, qualquer deficiência nêle implica um desequilíbrio somático, específico ou não.

Teoria aliás que satisfaz a uma expressão tão em voga no meio espírita: AS DOENÇAS, EM ÚLTIMA ANÁLISE, TEM ORIGEM NO ESPÍRITO.

Aí está portanto exposto o fundamento da aplicação do passe como medida terapêutica, o qual viria restabelecer o equilíbrio vital, eletro-magnético, rompido por desequilíbrio na vida psíquica do paciente. Pensamos decorrer de imediato do exposto que sendo a causa primária o espírito, o passe unicamente não resolve a situação. Em concomitância faz-se mister uma reeducação do indivíduo e conseqüente transformação para uma vida espiritual intensa e evangélica, o que viria atingir a causa primária da enfermidade, possibilitando assim o início da marcha para a cura.

Para terminar, apresentaremos o X item do decálogo da saúde, extraído do livro, «Curso de Biologia», de autoria do eminente professor Dr. Alencar Barros: «MANTER O EQUILÍBRIO DA VIDA PSÍQUICA, QUE É CONDIÇÃO NÚMERO UM DA SAÚDE, PROCURANDO ELIMINAR DA MENTE O ÓDIO, A INVEJA, O MEDO, O PESSIMISMO, QUE ENVENENAM O ORGANISMO INTEIRO TANTO QUANTO OS MICROBIOS MAIS VIROLENTOS. PARA ISSO IMPÕE-SE A CRENÇA NO FUNDAMENTO ESPIRITUAL DA VIDA, O VERDADEIRO FULCRO DA MORAL E DA FELICIDADE HUMANA» (pág. 175, 2.ª edição).

(continua)

TELESSANIDADE

ESTÊVÃO RODRIGUES
(De Portugal)

Tem-se escrito algo sôbre curas psíquicas. Vamos também trazer a nossa acha para alimentar a fogueira da Fé, que consideramos um dos primeiros, se não o primeiro dos elementos necessários à sua consecução.

Efetivamente para se obter uma cura psíquica é indispensável crer, depois de saber, depois ainda saber e finalmente poder. O antigo adágio «querer é poder» necessita de limitações. De fato, não pode quem quer, mas quem sabe. E esta sabedoria não pode limitar-se ao conhecimento do corpo humano no seu aspecto anatômico e biológico, mas, e principalmente, à sua relação com o corpo etérico.

É sabido que no sono hipnótico, atingida a exteriorização da sensibilidade — que o mesmo é que dizer, do duplo etérico, visto que aquela existe neste — se ferirmos o espaço a determinada distância do corpo, este não só estremece como apresenta, ao acordar, um sinal bem visível no ponto correspondente ao que foi atingido. Portanto, e reciprocamente, se o corpo físico for ferido, deve produzir necessariamente lesão correspondente no duplo ou corpo etérico — que é o mesmo.

Ora se nós conseguirmos manter sempre o corpo etérico, interior, só do exterior poderá vir agressão. E como essa agressão se refletirá, como já vimos, no corpo etérico, se uma pessoa sã, saudável, possuidora das quatro qualidades atrás enunciadas, transmitir à parte atingida uma porção do seu corpo etérico como quem transmite uma porção de sangue (transusão), é lógico que restabelece-se o equilíbrio num, se restabeleça a saúde no outro.

Não é de mais lembrar aqui que os ocultistas chamam ao corpo etérico (o nosso duplo) corpo vital, porque é nêle que circula o fluido vital, a vida orgânica, que recebemos constantemente das radiações solares e dos alimentos (prana). Mas assim como constantemente recebemos também constantemente se esgota pelas pontas (visto que é um fluido que circula) especialmente os dedos das mãos, ligeiramente modificado, e a que chamamos magnetismo.

O magnetismo, pois, não é mais que uma modificação de prana, a Vida Universal, que,

depois de se tornar orgânica ao atravessar o nosso corpo levando a cada célula a vibração de que precisa, volta ao reservatório comum a retemperar-se, a purificar-se para novas e constantes vivificações. Poder-se-á, sem grande erro, comparar-se à circulação sanguínea.

Até aqui o saber. Agora o querer. Querêr é ter vontade; uma vontade absoluta e completamente desinteressada, de fazer bem. E para ter essa vontade de fazer bem aos nossos semelhantes, mesmo sem os conhecer, é preciso amá-los! Mas amá-los como? Vamos ver se nos poderemos fazer compreender:

Um homem, por exemplo, de 30 ou 40 anos, está lendo um jornal. Aqui, uma notícia diz que um jovem de 20 anos foi trucidado pelo comboio; ali, um velho de 60 foi assassinado por um traidor; além, três pequerruchos morreram afogados quando se banhavam.

Este homem empalidece, a vista turba-se-lhe e as lágrimas deslizam-lhe silenciosamente pela face. Mas de súbito repara que alguém se aproxima. Limpa os olhos à pressa e apresenta-se sorridente. Este homem ama os seus semelhantes. Se souber, pode curar doentes!

Note-se que, propositalmente, escolhi vítimas do sexo do leitor. Se tivesse escolhido lindas mocinhas, belas mulheres, talvez não admirasse que sofresse. Então não seria amor, seria concupiscência. Ora quem ama o menos belo também ama o mais belo.

Resta-nos o crer. E aqui é ainda o Amor que tem a palavra. Em verdade, quem ama os seus semelhantes ao ponto de sofrer como no exemplo que apresentei, não pode deixar de ter, ainda que intuitivamente, uma certeza de que Algo existe superior a nós; que esse Algo está dentro de nós e que se exala em atos de bondade e de ternura, num permanente anseio de se dar, como a flor exala e dá o seu perfume.

Ponto é que nós queiramos cultivar-nos (e aqui é que querêr é poder, como diz o adágio) para nos tornarmos no sacário nobre e majestoso onde deve habitar tão sublime Hóspede.

Temos pois que para um indivíduo curar um doente precisa, além das qualidades atrás enunciadas, possuir boa saúde e magnetismo curador. Porque o magnetismo vulgar, digamos físico, todos o possuímos em maior ou menor grau. E' o que se verifica aproximando os dedos de um pêndulo composto por uma massa pesada suspensa dum fio sem torção e atravessada por delgada haste horizontal. Colocando-se por debaixo um limbo graduado em graus, veremos a haste girar para um e outro lado em ângulos de tanto maior amplitude quanto maior for a força magnética. E' claro que esta experiência requer certos cuidados, como seja resguardar o sistema do bafo da respiração ou correntes aéreas, ter as mãos bem secas e, se possível, frias, etc.

Este magnetismo, porém, pode não curar ninguém ou curar uns doentes e outros não. Tudo depende da experiência; e para esta é que é preciso tudo o que se disse e ainda mais: perseverança.

Mas como se aplica o magnetismo? Todos os que têm assistido a trabalhos espíritos o sabem: por meio de passes, imposições, insuflações, etc.; e aqui é que começam as dificuldades. A medicina, desconhecendo oficialmente o fluido magnético, como desconhece a Alma, visto que nunca a encontrou debaixo dos seus bisturis, proibe terminantemente esses processos de cura; e os curadores, como não custa muito fazer passes nem isso demanda longo e dispendioso curso, surgem como cogumelos na mira mais de se encherem de dinheiro e fama do que de esvaziarem... daquilo que não possuem. Daí a charlatanice, o descrédito e... as perseguições.

Portanto, todos os que se dizem «curadores» deveriam primeiro ser submetido a provas.

Mas uma outra modalidade de fluido existe que não pode ser interceptado por lei alguma nem pelas investidas das maiores sumidades médicas. Refiro-me ao chamado «fluido magnético espiritual» que pode ser levado a distâncias enormes nas vibrações do Pensamento. Haja em vista o recentemente desencarnado Pharis, médium curador de nacionalidade inglesa, que curou milhares de doentes sem sequer os conhecer!

Fiz parte do «Grupo de Irradiações Mentais Reper Siam», no Centro Espiritualista «Lux e Amor». Ali observei de quanto é capaz essa espécie de magnetismo que cura sem os proibidos passes e imposições. Eu mesmo me curi de intermitentes perturbações cardíacas, que nunca mais me afligiram. Porém o que mais é de admirar é a influência a distância. Distâncias às vezes enormes, de centenas de quilômetros. Sei duma senhora dos arredores de Anadia, que sofrendo de perturbações mentais de tal ordem, que estava à beira da loucura; se curou quase radicalmente ao fim de um mês de atuação dirigida de Lisboa. Outra senhora, residente em Leiria, tinha, havia dois anos, uma ferida na ponta do nariz, incurável pelos meios físicos. Foi mandada apresentar ao Instituto de Oncologia, a Palhavã, em Lisboa. Porém, nas vésperas da partida foi submetida às referidas irradiações mentais, e chegou a Lisboa semicurada. Lá recebeu apenas um tratamento de rádio — por se encontrar no Instituto. Voltou para a sua residência onde acabou de se curar.

Acontece que, às vezes, estas irradiações não curam, mas preparam o organismo para a cura. Foi o que sucedeu com um doente de Oliveira de Hospital, que antes do tratamento não havia medicamentos que o curassem, e depois de submetido ao referido tratamento, os medicamentos que antes nada lhe faziam acabaram por o restabelecer. Mistérios ainda desconhecidos da Natureza!

Conclusão: pode transportar-se a saúde a distância como se transporta o som e a luz. Porém, já o declaro: não é pelo poder do homem; é pelo poder de Deus através do homem. E' óbvio que são necessárias determinadas condições físicas, psíquicas e morais para se merecer o dom mágico, ou melhor, veículo dessa Força misteriosa que desce, em troca da Fé e da Vontade que sobem. Não pode sê-lo quem quer; é-o somente quem merece. E o mais importante é que esse merecimento nem sempre é cotejado pelas aparências exteriores. Quantas vezes servirá mais um pobre Zé Ninguém, até laivado por indiscretas bocas do Mundo, do que aquele distinto e bem trajado senhor, cujas palavras tinem, mas não soam isto é, não chegam à meta.

Sempre o mistério... O desconhecido mistério de Deus!

ERNEST RENAN

SUA VIDA

João TEIXEIRA DE PAULA

Renan, admitem-no os entendidos, tinha profundo conhecimento dos clássicos franceses, latinos e gregos. Era ele próprio um clássico e versava com maestria o sânscrito, o hebraico, o árabe, a par de algumas línguas neolatinas e anglo-saxônicas. Amava a correção da forma e polia miúda e incansavelmente o estilo. Basta notar que passou um ano inteiro burlando o estilo polirrítmico de *Vida de Jesus!* Apreciava o ajustamento das palavras, o torneio das frases e a harmonia do período; conquanto não se entregasse à adjectivação excessiva, fazia constante uso dela. Cioso do mais apurado vernaculismo e das minúcias estilísticas, encantava pela cadência das palavras e pela correção gramatical.

Pondera Haurice Weller, em *La pensée de Renan*, pág. 176, ed. de 1945, que a "inteligência de Renan é como um filtro por onde se destila o pensamento; os pormenores se ajeitam harmoniosamente ao redor da idéia principal; o escritor abarca sem esforço um assunto vasto; diz o que quer e o diz de maneira tal e com tal delicadeza, que não se excluem nem o vigor nem a precisão dos escritos; a erudição, tão abundante, se funde com o conteúdo e o alimenta sem o perturbar".

Em virtude do seu classicismo e sobretudo por causa dos assuntos geralmente áridos a que se havia entregue, não chegou a ser um escritor popular. Não fossem as obras acérrimas das origens do Cristianismo — concebidas desde a idade de 22 anos —, que o levaram ao pináculo da glória literária e das quais cumpre pôr em relevo a *Vida de Jesus*, que lhe valeu em particular os mais cruéis e soezes anátemas, esconjuros e dicterios — não seria ele um escritor como tantos outros da sua nobre linhagem: seria apenas um clássico para deleite de reduzido número de caturras ensebadas talvez, quase sempre à margem de movimentos inovadores e regeneradores.

Para muitos é ele ainda uma figura temerosa do ceticismo, uma espécie de Voltaire em edição melhorada, aumentada e atualizada; para outros é o escaramuçador erudito, o historiador impiedoso, com um inalterável sorriso irônico nas comissuras da boca, o responsável por idéias anti-religiosas reputadas contraproducentes para a humanidade em grosso. Para outros mais é o derruidor de velharias religiosas, senão o hercúleo Sansão de impertinências filosóficas, sempre disposto a petear e a demolir.

Para nós Espíritas Renan é a missão de veio a tempo para a roçagem das terras incultas destinadas à sementeira dos novos postulados espírituais, capazes, entre outros princípios, de nos mostrarem a sobrevivência da alma ao corpo, a sua imortalidade, a pluralidade e a habitabilidade dos mundos e também capazes de nos ensinarem a pôr em execução o preceito máximo cristão de amarmos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Em resumo: veio colaborar na abertura de carreiros para o Espiritismo, que é o Paraclete do apóstolo ou a Sínargua com que sonhava Saint-Yves d'Alveydre ou ainda a Sociolatria que August Comte apreçoava.

* * *

Joseph Ernest Renan nasceu no dia 27 de fevereiro de 1823 numa humilde casa de Tréguier (Côtes-du-Nord), cidadela de França, de genitores simples, pobres, que viveram sempre amargurados com diversos problemas de ordem familiar e econômica, social e religiosa.

O pai, Sr. Philibert Renan, Capitão da Marinha Mercante, era homem melancólico e sentimental, de comprovada incapacidade para negócios financeiros. Combateu sob os ordens de Napoleão I e foi prisioneiro dos ingleses em Londres, onde deu lições de Hidrografia. Apareceu morto, em 1828, nas costas de Erqui, vila situada entre Saint-Brieuc e o cabo Fréhel. Nunca se soube da causa de sua morte; atribuem-na geralmente ao suicí-

dio, motivado com certeza pela sua precária situação econômica.

A mãe, Sra. Madeleine Feger — a Manon da familiaridade —, possuía instrução medíocre, temperamento alegre e sorriso algo irônico, que Renan herdou por toda a vida, o qual se reflete nas linhas e entrelinhas de suas obras. Muito católica, colocou Renan, dada a pauperidade do lar, sob a defesa de Santo Ivo, protetor sobretudo das viúvas e dos órfãos.

Conta Renan que a mãe lhe dizia sempre que, logo que ele nasceu, o colocara nos braços e chorara amargamente por ter trazido ao mundo mais um filho para a pobreza.

A sua irmandade constituía-se de Allain, nascido em 10 de janeiro de 1809, comerciante que, depois de altos e baixos nos negócios, acabou falido, e Henriette, nascida em 22 de julho de 1811, mulher admirável, que teve preponderante influência nos destinos de Renan.

Dirigia a Sra. Manon, em Tréguier, um comércio de vinho e de especiarias, herança do sogro, do qual se tiravam os poucos recursos para a ajuda na manutenção da família. Foi aí que em 1835 o Padre Pasco, indo lá fazer umas encomendas, se interessou pelo menino Ernest, que já naquele tempo, a par de sua modestia e desprendimento das cousas materiais, era sorumbático, de vivaz inteligência e cheio de ternura para com os seus. Cursou gratuitamente o Colégio de Tréguier, também conhecido como *École eclesiastique*, comunidade católica mantida pelos Padres de Lannion. Os Professores pertenciam ao Clero secular. Era o primeiro da classe em gramática, latim, história e matemática.

Renan sempre se referiu de maneira cordial aos seus Professores de Tréguier, dando prova de que, embora tenazmente combatido pelo clero, era sincero nas suas amizades.

Em setembro de 1838 deixou Tréguier, arrumando mala para Paris, a chamado de Henriette, que se havia mudado para lá em 1835 e lecionava num Asilo de Meninas. Renan havia obtido em Tréguier todos os prêmios destinados aos alunos de maior mérito. Enviara à irmã a nota de aplicação. Henriette, tomada de justo orgulho e de irreprimível alegria, mostrou-a ao Dr. Félix Descuret, humanista, médico do referido Asilo, que por sua vez falou a respeito do assunto ao Sr. Dupanloup, Superior do pequeno Seminário Saint-Nicolas-du-Chardonnet. Dupanloup, que em obediência a antiga praxe do Seminário, recrutava os futuros padres do Interior, aquiesceu ao pedido dos amigos, permitindo que Renan entrasse para aquele Seminário, onde encabeçou a classe em latim, grego e história.

Em Paris, num meio completamente diferente daquele a que se acostumara, muito viu ele e muito aprendeu. Aquela alma cândida de rapazelho, o qual só sabia ser o primicélio escolar nas matérias mais difíceis, já começara a tirar os cascos da sua natural ingenuidade, o que ele mesmo percebeu, confessando, com notável premonição, que as tempestades da vida haveriam de fazer um dia com que o seu barco aportasse a margens onde os seus antigos amigos o haveriam de esperar com horror.

Em outubro de 1841 entrava Renan para o Seminário de Issy, com uma "fé religiosa ainda intacta e tranqüila, apesar de ameaçada de perto e sobretudo com um formidável apetite de aprender", como escreveu Pierre Lasserre, em *La jeunesse d'Ernest Renan*, t. I, pág. 307 edição de 1925.

Issy era primitivamente um casarão construído para os ócios da rainha Margarida de Valois, mulher de Henrique IV. Foi mais tarde remodelado e aumentado, passou a outros

donos e acabou nas mãos dos padres issyanos.

Foi nesse Seminário, onde esteve dois anos, que Renan começou a remoer as suas idéias religiosas, a fazer um exame de consciência, a ler os filósofos. Andando pelo grande parque, ou sentado nos bancos dêle, olhando para dentro de si mesmo ou para o azulino céu, passou a sentir o despontar dos sintomas da descrença católica, os pruridos primeiros da necessidade da existência de um Pai sem exterioridades e sem altares.

A sua aplicação no Seminário foi tão proveitosa, que em 1843 lhe propuseram a tonsura, sem maiores formalidades, distinção essa conferida apenas aos seminaristas mais aplicados. Não a aceitou; tinha ainda fé católica, mas começava a perceber que se podia servir a Deus sem se tomarem hábitos talares.

Naquele mesmo ano de 1843 passou para o Seminário de São Sulpício, onde encontrou um ambiente com muita moral, porém de grande frialdade. Aí estudou os dogmas do catolicismo, as provas e as contraprovas da Igreja, as suas tradições, a sua história. Iniciou-se, com o Sr. Le Hir, no estudo do hebraico, e com o Sr. Reynaud, no do árabe.

Em 1845 colocou-se diante de uma espada de dois gumes: ou aceitar o subdiaconato, primeiro passo na escala eclesiástica, ou renunciar ao Seminário. Não cria o bastante para aceitar a tonsura. Abriu-se largamente com Henriette, que se encontrava na Polónia com preceptora dos filhos do Conde Zamoysk. Não queria decepcionar os amigos, melindrar a adorada mãe, complicar a situação financeira da família. Depois de intermináveis ponderações de parte a parte, ela, através de suas "cartas cheias de candura e de bom senso", encorajou-o na pretensão. No dia 6 de setembro de 1845 dirigiu ao Diretor do Seminário a longa carta que se encontra na página 877 em diante do II tomo da edição de Psichari, em que podemos avaliar o desespero de alma do autor e em que, fazendo restrições à sua fé católica e evidenciando a racionalista, terminava confessando que "não podia ser sacerdote, porque ninguém é sacerdote por um dia, mas sim por toda a vida". No dia 6 do mês seguinte deixava os portões de São Sulpício.

Foi para o Colégio de Stanislas, onde, por causa de certas exigências de ordem religiosa, às quais não se sujeitava, não lecionou mais do que quinze dias. Passou a lecionar na Pensão Crouzet, a tróco de cama, vestuário e alimentação.

Bacharelou-se em Letras em 1846. Em 1847 apresentou ao Instituto a tese *Essai historique et théorique sur les langues sémitiques en général et sur la langue hébraïque en particulier*, a qual, apesar dos concorrentes, foi aprovada, ganhando ele o prêmio Volney.

Em 1848 apresentou-se a novo concurso para defesa de tese de Filosofia. Alcançou o primeiro lugar. Nesse mesmo ano a Academia de Inscrições e Belas Letras abriu vaga para tese de pesquisa de língua grega no Ocidente do V ao XIV séculos. Inscreveu-se com o *Essai sur l'origine du langage*, conseguindo aprovação.

Tendo as tropas francesas ocupado Roma em 1849, ele foi, juntamente com Daremberg, à Itália, em missão de estudo, destinada a rebuscar as bibliotecas dos Conventos, as quais estavam até então praticamente fechadas para o mundo leigo. Assim Renan andou por Nápoles, Florença, Assis, Ravenna, Veneza, Verona.

Retornou a Paris em 1850 e em 1851 prestava a sua colaboração junto à Biblioteca Nacional. Obteve em 1852 o grau de Doutor em Letras com a tese de profunda erudição: *Averroës et l'averroïsme*. Henriette passou então a residir com ele. Nos anos

que decorreram, a irmã pensou em casá-lo com uma conhecida de ambos, mas não logrou êxito na empreitada... casamenteira.

Em 1856 Renan encontrou a Sra. Cornélie Scheffer, moça bem nascida e culta. Apaixonaram-se e contraíram núpcias. Foram galardoados com três filhos, um dos quais — uma menina — morreu novo. Os outros dois eram Ary, pintor e poeta, nascido em 1857 e falecido em 1900, e Noël, que esposou o Sr. J. Psichari, já desaparecidos, os quais deixaram descendência.

Também em 1856 candidatou-se a uma vaga na Academia de Inscrições acma citada e conseguiu ser eleito. Por conta da Academia, foi, em 1860 (ano em que o agraciaram com a insignia de Cavaleiro da Legião de Honra) a Fenícia, em missão arqueológica. Acompanharam-no a esposa e a irmã. Percorreram a Síria e a Palestina. Em 1861 a Sra. Renan retornou a Paris e ele, com a ajuda de Henriette, que lhe copiava as laudas, esboçou a *Vida de Jesus*. Em Amstchitt, ambos, não resistindo ao calor, caíram de cama, com alta febre. O nosso biografado escapou com vida, mas Henriette retornou à Casa Paterna no dia 24 de setembro daquele ano, abrindo uma chaga incurável no coração bondoso do irmão.

De volta a França, obteve a curul de hebraico, línguas orientais e semíticas no Colégio de França, o mais celebrado do mundo então. Mas dias depois de sua aula de abertura, que se caracterizou por fortes discussões religiosas, foi destituído do cargo por haver falado de Jesus apenas como de um "homem incomparável". Mas em 1870, logo após a proclamação da República, um decreto ministerial o reintegrou no cargo.

Em 1863 foi outra vez ao Oriente para completar a documentação relativa à *Vida de Jesus*, que saiu do prelo naquele mesmo ano, quando retornou a Paris. Renan, se o não tivessem amparado as forças benévolas do Alto, teria succumbido impiedosamente às maldições de que fora alvo quando da publicação daquele formidando arazzoado histórico-religioso.

As obras que escreveu sobre as origens do Cristianismo constituem a sua bagagem literária de maior vulto e escreveram-se de 1863 a 1881.

Deu início depois à publicação da *História do povo de Israel*, em cinco volumes, o último dos quais se publicou exatamente um ano antes do seu falecimento.

Envolveu-se na política e candidatou-se a Deputado nas eleições de 1869, realizadas em Seine-et-Marne. Apesar das importantes proclamações dirigidas aos eleitores, não foi eleito. Espiritualmente assim era preciso que acontecesse... O mundo estava e está abarrotado de políticos e sobretudo de politiqueros; mas Renan só havia e há um só: era ele mesmo.

Discutiu com Strauss, outro valeroso anticlerical, sobre assuntos políticos, quando do ataque da Alemanha a França em 1870. As cartas de ambos publicadas primeiramente na Imprensa, estão enfilexadas no volume *La Réforme intellectuelle et morale de la France*.

Em 1879 abriram-se-lhe as portas da Academia Francesa, passando a ocupar a cadeira de Claude Bernard. Em 1884 nomearam-no Administrador do Colégio de França, para o qual entrara em 1862 e de onde fora suspenso até 1870.

Renan, que temia os paroxismos do derradeiro momento, escreveu que queria morrer tal como era: são de Espírito e bom de coração e não um Renan inconsciente e meio destruído pela idade e pelos achaques. E acrescentava, num ato de crença nos poderes divinos:

— *Renego as blasfêmias que os cadáveres de novidades de última hora me poderão fazer pronunciar contra o Eterno.*

Entregou a Deus o seu Espírito culto e sábio no dia 2 de outubro de 1892, em Paris, vinte e três anos depois do falecimento de Allan Kardec.

A Ernest Renan, embora o não pareça, muito deve o Espiritismo.